

Comunidades locais: Linha de Frente de Defesa contra o comércio ilegal da fauna silvestre (LFD)

Guia para implementação da metodologia LFD



Sobre os autores

Diane Skinner é membro da IUCN CEESP/SSC SULi e consultora autônoma baseada em Harare, Zimbábue.

Holly Dublin é presidente do Grupo de Especialistas em Elefantes Africanos da IUCN/SSC, do comitê diretivo da IUCN CEESP/SSC SULi, e consultora sênior do Escritório Regional da África Oriental e Austral da IUCN, com sede em Nairóbi, Quênia.

Leo Niskanen* é coordenador técnico do Programa de Áreas de Conservação e Espécies para o Escritório Regional da África Oriental e Meridional da IUCN, com sede em Nairóbi, Quênia.

Dilys Roe é a investigadora principal do IIED e lidera a equipe de biodiversidade do instituto, sediado em Londres, no Reino Unido. Dilys também atua no comitê gestor da IUCN CEESP/SSC SULi.

Akshay Vishwanath é funcionário sênior do Programa de Áreas de Conservação e Espécies do Escritório Regional da África Oriental e Meridional da IUCN, com sede em Nairóbi, no Quênia.

*Entre em contato com o autor, Leo Niskanen, por e-mail: leo.niskanen@iucn.org

Publicado pelo IIED e pela IUCN

O **IIED** é uma organização de pesquisa de políticas e ações. Promovemos o desenvolvimento sustentável para aprimorar os meios de subsistência e proteger os ambientes em que esses meios são desenvolvidos. Somos especializados em associar prioridades locais a desafios globais. O IIED tem sede em Londres e trabalha na África, Ásia, América Latina, Oriente Médio e no Pacífico, com algumas das pessoas mais vulneráveis do mundo. Trabalhamos com eles para fortalecer sua voz nas arenas de tomada de decisão que os afetam — desde conselhos nas aldeias até convenções internacionais.

International Institute for Environment and Development

(Instituto Internacional de Meio Ambiente e Desenvolvimento)

80-86 Gray's Inn Road, Londres WC1X 8NH, Reino Unido

[@iied](http://www.iied.org)

www.facebook.com/thelIED

A **IUCN** é uma união de membros composta de organizações governamentais e da sociedade civil. Ela se vale da experiência, dos recursos e do alcance de suas mais de 1.300 organizações-membros e da contribuição de mais de 10.000 especialistas. A IUCN é a autoridade global sobre a situação do mundo natural e as medidas necessárias para protegê-lo.

Escritório regional da África Oriental e Austral da IUCN

Wasaa Conservation Centre, Mukoma Road, PO Box 68200-00200 Nairóbi, Quênia

[@IUCN](http://www.iucn.org/regions/eastern-and-southern-africa)

www.facebook.com/iucn.org

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer a várias instituições e indivíduos por seu apoio ao desenvolvimento desta publicação: o Fundo de Combate ao Comércio da Fauna Silvestre do governo britânico, a USAID do Quênia e da África Oriental e o Departamento do Interior dos EUA - Programa Internacional de Assistência Técnica; nossos parceiros locais no Quênia, Fundação Big Life, Serviços de Safari Cottar, Associação para a Conservação da Fauna Silvestre do Quênia e Associação de Proprietários de Terra do Sul de Rift; nossos parceiros na África Austral, Desenvolvimento Rural Integrado e Conservação da Natureza, WWF Namíbia e WWF África do Sul; os revisores das primeiras versões, Rosie Cooney e Rob Small; e, mais importante, todos os membros da comunidade que tão generosamente doaram seu tempo e conhecimento.



U.S. DEPARTMENT
OF THE INTERIOR
INTERNATIONAL TECHNICAL
ASSISTANCE PROGRAM

Como citar este documento

Skinner, D, Dublin, H, Niskanen, L, Roe, D e Vishwanath, A (2018) Comunidades locais: Linha de Frente de Defesa contra o comércio ilegal da fauna silvestre (LFD). Guia para implementação da metodologia LFD. IIED e IUCN, Londres e Gland.

Baixe a versão mais recente deste guia e das ferramentas em: www.iucn.org/flood

<http://pubs.iied.org/14672PIIED>

ISBN 978-1-78431-585-6

Índice

Siglas e termos-chave	2
Seção A: Introdução	3
Histórico da LFD	4
Sobre este guia	4
Seção B: Metodologia LFD: uma visão geral	6
O que é uma teoria de mudança?	6
A TdM inicial (de referência) da LFD e os pressupostos	6
Princípios-chave	10
Esboço da metodologia LFD	10
Seção C: Orientações passo a passo	12
Etapa 1: Preparação e escopo	16
Etapa 2: Workshop de iniciação	21
Etapa 3: Desenvolver uma TdM de implementador/designer	23
Etapa 4: Desenvolver uma TdM comunitária	27
Etapa 5: Workshop de feedback	35
Etapa 6: Comunicar as lições aprendidas	36
Etapa 7: Monitorar e adaptar	37
Seção D: Usando a LFD em novos projetos	38
Referências	39
Anexo 1: Ferramentas	40
Exemplos de programação de workshops da LFD	40
Modelo de análise de partes interessadas da LFD	42
TdM inicial (de referência) da LFD	43
Pressupostos da TdM inicial (de referência) da LFD	44
Ferramenta da LFD para desenvolvimento da TdM do implementador/designer	46
Ferramenta da LFD para desenvolvimento da TdM comunitária	46
Apresentação introdutória à LFD – versão longa	47
Apresentação introdutória à LFD – versão curta	47
Slides adicionais da apresentação à LFD	47
Formulário de consentimento para entrevista	48
Formulário de consentimento do grupo focal da LFD	50

Siglas

CEESP	Commission on Environmental, Economic and Social Policy (Comissão de Políticas Ambientais, Econômicas e Sociais)
CHFS	Conflito entre humanos e fauna silvestre
CIFS	Comércio ilegal da fauna silvestre
GEEA	Grupo de Especialistas em Elefantes Africanos da IUCN/SSC
GEUSMS	Grupo de Especialistas em Uso Sustentável e Meios de Subsistência (CEESP/SSC)
IIED	International Institute for Environment and Development (Instituto Internacional de Meio Ambiente e Desenvolvimento)
IUCN	International Union for Conservation of Nature (União Internacional para Conservação da Natureza)
LFD	Comunidades locais: Linha de Frente de Defesa contra o comércio ilegal da fauna silvestre
ONG	Organização não governamental
SSC	Species Survival Commission (Comissão de Sobrevivência de Espécies)
TdM	Teoria da mudança

Termos-chave

Equipe principal	A equipe independente que implementa a metodologia LFD conforme descrito neste guia.
Implementador/ designer de projetos	Uma agência ou instituição, fora da comunidade, que estabeleceu o conceito ou concebeu e/ou está implementando as intervenções em consideração.
Partes interessadas	Quaisquer organizações ou indivíduos que tenham conhecimento, autoridade ou influência em qualquer parte do trabalho para implementar, em parceria com a comunidade, intervenções contra o comércio ilegal da fauna silvestre.
Comunidade	Um grupo social definido, de qualquer tamanho, cujos membros compartilhem um interesse específico na fauna silvestre, na terra em que reside ou no CIFS. Pode incluir membros de uma reserva, um grupo que vive próximo a uma área de proteção, uma aldeia ou uma unidade administrativa local.
Contato local	Organização local que serve como principal elo logístico para a equipe principal. Pode ser o implementador/designer do projeto ou outro intermediário.

Seção A: Introdução

Este guia fornece orientações detalhadas para a implementação da metodologia “Comunidades locais: Linha de Frente de Defesa contra o comércio ilegal da fauna silvestre (LFD)” para articular, contrastar e comparar os pressupostos, percepções e fluxos lógicos das comunidades e dos implementadores/designers de projetos que estão envolvidos em projetos de combate ao comércio ilegal da fauna silvestre (CIFS).

A metodologia LFD é uma abordagem de pesquisa de ações que envolve várias partes interessadas. Foi projetada para ser usada por uma equipe independente que trabalha com comunidades, partes interessadas locais e implementadores ou designers de projetos (incluindo ONGs, governo, organizações comunitárias ou financiadores). Ela fornece uma abordagem adaptativa para ajudar a alcançar o envolvimento da comunidade em iniciativas antiCIFS, através de um profundo questionamento da lógica dos implementadores e designers e das comunidades, bem como de suas motivações e pressupostos. A metodologia visa fornecer informações para ajudar a alinhar as intervenções e fortalecer a participação da comunidade.

A metodologia utiliza um processo passo a passo de i) reuniões de escopo para compreender o contexto de iniciativas antiCIFS e identificar as partes interessadas relevantes ii) entrevistas e discussões de grupos focais para desenvolver teorias de mudança no interior de grupos formados por partes interessadas e iii) workshops com a participação de várias partes interessadas para discutir as diferenças na lógica e nos pressupostos, comunicar as lições aprendidas e gerar recomendações para a ação no futuro.

A Seção A fornece uma visão geral do histórico e do pano de fundo da abordagem da LFD. Segue-se então uma visão geral da metodologia LFD na Seção B. A Seção C oferece orientações detalhadas passo a passo sobre como usar a metodologia LFD para iniciativas antiCIFS já existentes, e a Seção D explica como usar a LFD na criação de novas iniciativas.

Ferramentas adicionais a serem usadas em conjunto com esta orientação podem ser encontradas no Anexo 1. Esses recursos estão disponíveis para download digital em: www.iucn.org/flod

Histórico da LFD

A sobrevivência a longo prazo da fauna silvestre e, em particular, o sucesso dos esforços para combater o comércio ilegal da fauna silvestre (CIFS), que envolve espécies de alto valor, como elefantes e rinocerontes, depende em grande medida das comunidades locais que vivem com a fauna silvestre. Embora haja um crescente reconhecimento entre profissionais, financiadores e formuladores de políticas sobre a necessidade de envolver as comunidades vizinhas ou que vivem com a fauna silvestre, há uma falta de orientação prática sobre como estabelecer parcerias efetivas com as comunidades locais.

O Grupo de Especialistas em Uso Sustentável e Meios de Subsistência da IUCN CEESP/SSC, o Instituto Internacional de Meio Ambiente e Desenvolvimento (IIED) e seus parceiros identificaram essa lacuna e trataram de abordá-la, desenvolvendo uma teoria de mudança (TdM) baseada em uma revisão completa da literatura existente sobre o tema e como peça de base para o workshop “Beyond Enforcement” [Além da aplicação da lei], realizado na África do Sul, em 2015 (IUCN et al. 2015; Roe, D et al. 2016; Biggs, D et al. 2017).

Essa TdM teve como objetivo articular as condições e os caminhos para uma ação bem-sucedida no âmbito das comunidades com o objetivo de combater a matança e o comércio ilegal de espécies de alto valor e fortalecer os vínculos entre os esforços de fiscalização liderados pelo Estado e pela comunidade. Ela identificou quatro caminhos para a ação no nível comunitário:

- Reforçar os desincentivos ao comportamento ilegal,
- Aumentar os incentivos à manutenção da fauna silvestre,
- Reduzir os custos de se viver com a fauna silvestre, e
- Expandir os meios de subsistência não relacionados à fauna silvestre.

Para se obter sucesso no combate ao CIFS por meio do engajamento da comunidade, a TdM inicial postulou a necessidade de fortalecer todos esses quatro caminhos, identificando uma série de condições favoráveis, que incluem: capacitação; legislação justa e adequada; governança fortalecida; e um reconhecimento da diferença entre os custos e benefícios comunitários e individuais.

Essa TdM inicial é intencionalmente genérica: sua natureza dinâmica significa que ela precisa ser modificada de acordo com circunstâncias específicas. Lançamos a iniciativa “Comunidades locais: Linha de Frente de Defesa contra o comércio ilegal da fauna silvestre (LFD)” para começar a testar, avaliar e modificar a TdM com base nas realidades locais.

Em 2016, a IUCN ofereceu um workshop para os interessados, no Quênia, para discutir a TdM inicial e modificá-la com base em suas experiências. A IUCN, o IIED e seus parceiros começaram então a testar essa TdM inicial revisada em várias áreas de conservação comunitária e em outros contextos no Quênia, usando uma metodologia de pesquisa de ações dinâmica e participativa com comunidades locais e especialistas.

Este guia descreve a metodologia que testamos no Quênia. A iniciativa LFD trabalha agora para implementar essa abordagem em variados contextos na África Austral. A LFD foi projetada para aumentar a eficácia de pessoas e organizações que estão implementando projetos antiCIFS, além de influenciar a criação de políticas nacionais e internacionais, compartilhando as lições surgidas nesse trabalho.

Sobre este guia

A metodologia LFD visa a tornar explícito e melhorar a compreensão de todas as partes interessadas sobre:

- A lógica, os pressupostos e crenças (ou TdMs implícitas) dos implementadores/designers de projetos antiCIFS e das comunidades, líderes ou parceiros desses projetos, e
- Diferenças no interior das comunidades e entre as comunidades e os implementadores/designers de projetos, em termos de sua lógica, pressupostos e crenças sobre como um projeto funcionará (em outras palavras, suas respectivas TdMs).

Como resultado, a metodologia pode expor razões para o sucesso ou fracasso de componentes específicos do projeto, auxiliando assim no planejamento e na implementação do projeto. Também pode efetivamente:

- Explorar alguns dos motivadores do CIFS específicos de cada localidade e descobrir quais estratégias comunitárias são mais eficazes para enfrentá-los,
- Melhorar a obtenção de resultados ou impactos,
- Ajudar os financiadores a melhorar a eficácia dos investimentos no combate ao CIFS,
- Fornecer lições para outros projetos, já existentes e novos, e
- Fornecer lições para ajudar a melhorar a resposta ao CIFS nos âmbitos local, nacional, regional e internacional.

Desenvolvemos este guia para documentar o processo que usamos para testar a TdM para engajar as comunidades locais no combate ao CIFS de alto valor em diferentes cenários e para servir como um guia para outras pessoas que desejam aplicar essa metodologia em outros locais e contextos.

A metodologia LFD pode ser aplicada a iniciativas antiCIFS de qualquer tipo (inéditas e já existentes), desde que tenham um componente comunitário explícito. Até o momento, a iniciativa LFD tem se concentrado no comércio ilegal de espécies de alto valor (ou seus produtos), que pagam milhares de dólares por animais e plantas individuais ou suas partes e derivados em todos os níveis da cadeia de valor e que, geralmente, se destinam a mercados comerciais internacionais. No entanto, acreditamos que ela também possa ser usada para examinar, por exemplo, a carne de caça ou outros produtos destinados a trocas comerciais ou de subsistência.

Nosso objetivo é fornecer uma abordagem adaptativa e iterativa para ajudar a desenvolver o engajamento da comunidade em projetos antiCIFS, bem como em seu próprio desenvolvimento, por meio de um profundo questionamento acerca da lógica, das motivações e dos pressupostos da comunidade em um contexto particular. Seguir este guia não garante resultados ou impactos específicos. Os usuários devem observar que os resultados serão específicos para cada comunidade ou contexto.

Em particular, os parâmetros da LFD para a TdM não são um plano fixo de intervenção. Ao contrário, trata-se de uma ferramenta de sustentação de um processo para entender e articular a lógica e as premissas de um projeto, para ajudar a identificar o que está funcionando e possíveis falhas na lógica e no planejamento, levando a intervenções e resultados aprimorados. A Tabela 1 resume a quem pode interessar este guia e seus objetivos.

Tabela 1: Usuários potenciais e aplicações do guia da LFD

Usuários	Aplicação
Implementadores ou designers de projetos: ONGs, agências governamentais, financiadores etc.	Desenvolver novos projetos ou aprimorar projetos existentes
Associações comunitárias	Desenvolver novos projetos ou aprimorar projetos existentes
Pesquisadores	Compreender e questionar projetos existentes

Este guia se baseia na aplicação piloto da metodologia LFD em um número limitado de comunidades e contextos na África Oriental e Austral. À medida que adquirirmos mais experiência em sua aplicação e aprendermos lições de diferentes contextos, continuaremos a atualizar e a refinar o processo, simplificando-o sempre que possível. Para baixar a última versão deste guia (e as ferramentas do Anexo 1), acesse: www.iucn.org/flod

Gostaríamos de receber comentários dos usuários deste guia, especialmente se você achar que precisamos fornecer explicações mais detalhadas, se quiser compartilhar os elementos das diferentes etapas que funcionaram bem ou mal e quaisquer outras modificações que achar necessárias. Por favor, envie seus comentários para o autor correspondente, Leo Niskanen, pelo e-mail: leo.niskanen@iucn.org

Seção B: Metodologia LFD: uma visão geral

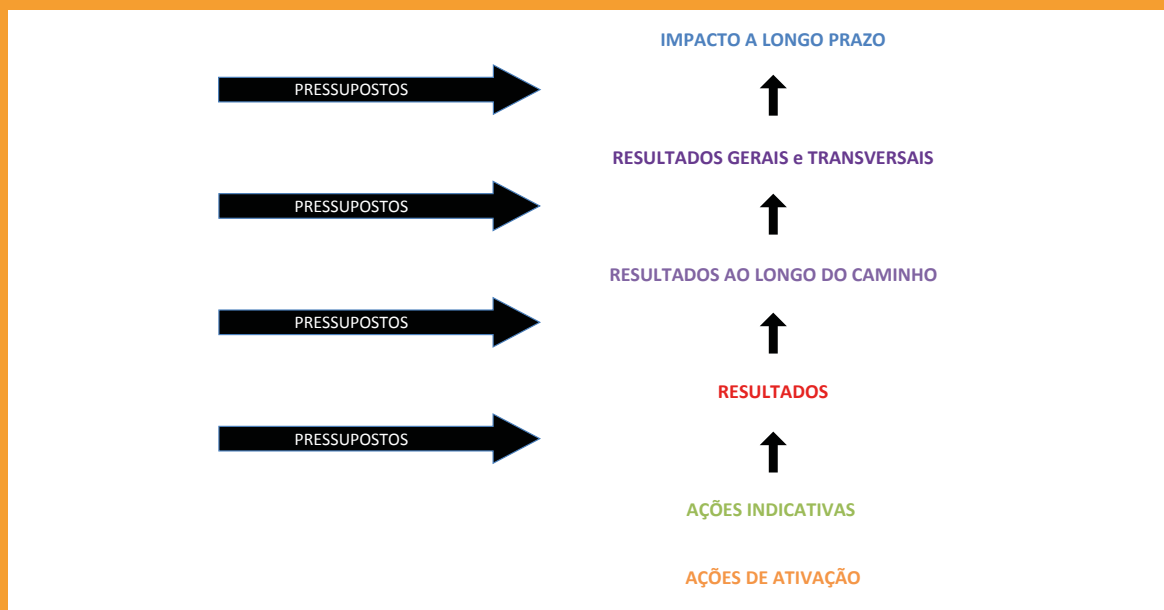
O que é uma teoria de mudança?

Uma TdM é uma descrição de como e por quê esperamos que uma mudança desejada aconteça em um contexto particular¹. A abordagem de TdM é uma metodologia ou processo usado com mais frequência no planejamento e avaliação nos setores sem fins lucrativos, filantrópicos e governamentais. É ao mesmo tempo rigorosa e participativa, e permite que as partes interessadas identifiquem e articulem as condições que elas acreditam ser necessárias, em uma série de etapas de causa e efeito, para assim atingir suas metas a longo prazo. Uma TdM expõe essas condições identificadas em uma estrutura hierárquica e causal, não muito diferente de uma estrutura lógica.

Um aspecto único da abordagem de TdM é a articulação detalhada de pressupostos que sustentam cada passo ao longo dos percursos causais. A articulação de pressupostos pode muitas vezes expor as principais diferenças nas lógicas, atitudes e crenças dos diferentes grupos de partes interessadas. Essa abordagem ajuda a: tornar essas diferenças transparentes; expor os complexos processos sociais, econômicos, políticos e institucionais subjacentes à mudança; e identificar soluções compartilhadas.

A Figura 1 ilustra como uma TdM tem diferentes níveis que mostram as ligações causais entre as ações locais e seu impacto a longo prazo, e como elas são sustentadas por um conjunto de ações de ativação.

Figura 1: Visão geral da teoria da mudança



A TdM inicial (de referência) da LFD e os pressupostos

Os parâmetros da LFD para a TdM estão expostos na Figura 2. Os pressupostos associados a cada nível da TdM estão listados na íntegra na Tabela 2. Os parâmetros da TdM continuam a ser dinâmicos — por exemplo, a experiência inicial de diferentes contextos indica que talvez precisemos ajustar o Percurso C de modo a incluir não apenas os custos de se viver com a fauna silvestre, mas também os custos mais amplos de conservação. Continuaremos a refinar os parâmetros da TdM e a incentivar os usuários deste guia a fazer os ajustes necessários.

¹ Para informações mais detalhadas sobre as TdMs, veja www.theoryofchange.org

Figura 2: TdM inicial (de referência) da LFD e pressupostos

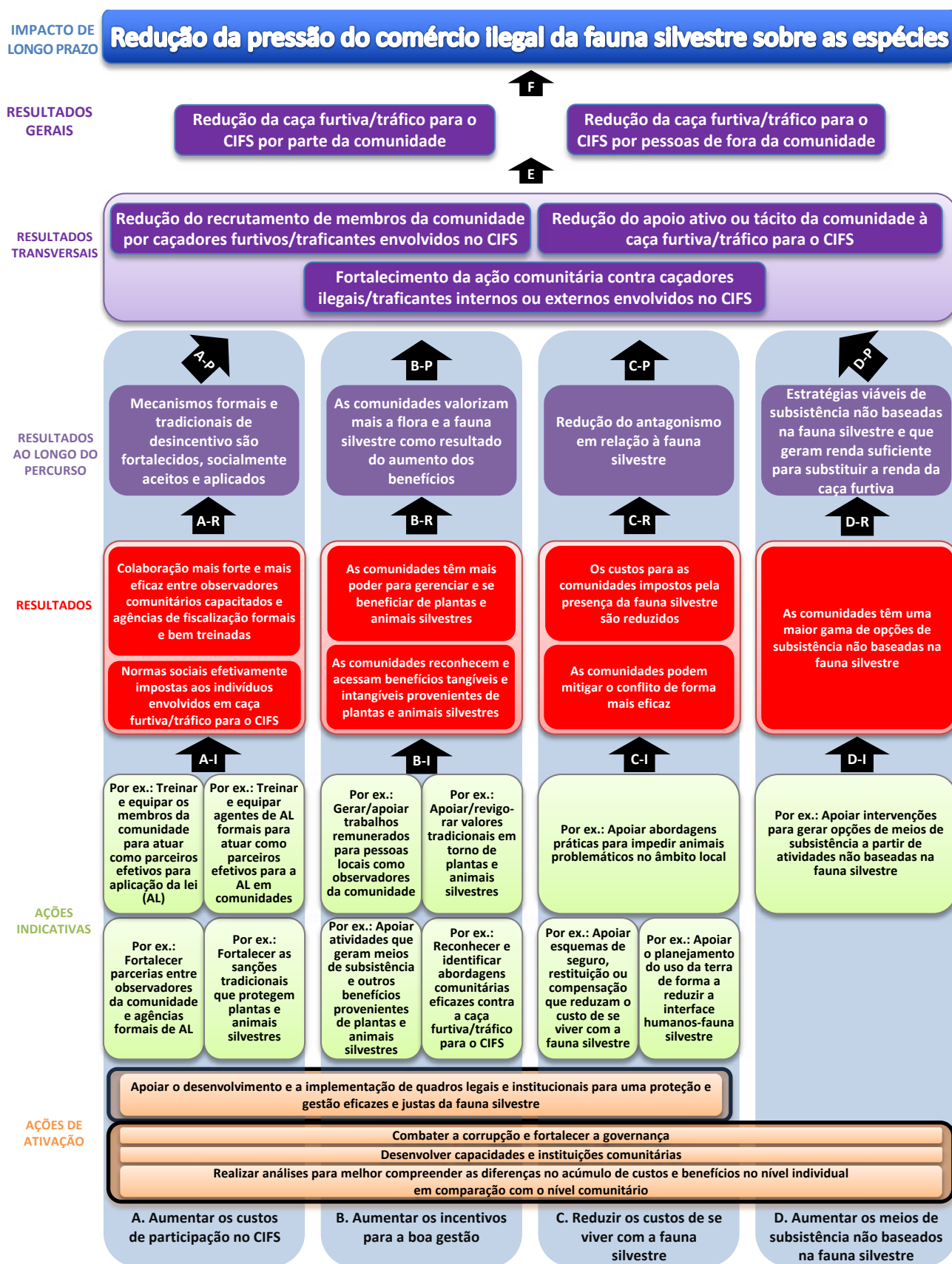


Tabela 2: Pressupostos da LFD da TdM inicial

Código	Pressuposto
Percurso A	
A-I1	As comunidades locais estão dispostas a se envolver com agências formais de aplicação da lei em atividades antiCIFS (como observadores e informantes, por exemplo).
A-I2	As agências formais de aplicação da lei estão dispostas a colaborar com as comunidades em atividades antiCIFS.
A-I3	Os agentes formais que aplicam a lei não estão envolvidos ou vinculados ao CIFS.
A-I4	Os membros da comunidade mais bem treinados e mais bem equipados não usam seus equipamentos e treinamento mais avançados para se engajar no CIFS.
A-I5	Os membros da comunidade estão dispostos a atuar contra o CIFS dentro de suas comunidades.
A-I6	Os membros da comunidade estão dispostos a atuar contra o CIFS fora de suas comunidades.
A-I7	As sanções formais existentes são justas.
A-I8	As sanções formais existentes são um impedimento.
A-I9	São praticadas sanções sociais contra o CIFS.
A-I10	Sanções sociais contra o CIFS podem ser recuperadas.
A-R1	Sanções formais e sanções sociais reforçam-se mutuamente.
A-R2	A colaboração entre comunidades e agências formais de fiscalização leva a uma ação mais forte contra o CIFS e não a uma maior convivência com o CIFS.
A-P1	Os membros da comunidade que estão mais envolvidos no combate ao CIFS impedem/desencorajam outros membros da comunidade a participar do CIFS.
A-P2	Intimidação por caçadores furtivos/traficantes não impede a ação da comunidade contra o CIFS.
Percurso B	
B-I1	As comunidades têm o direito de se beneficiar do manejo e do uso de plantas e animais silvestres.
B-I2	As comunidades exercem seus direitos de se beneficiar do manejo e do uso da fauna e flora silvestres.
B-I3	Os direitos da comunidade que são estão em prática são suficientes para promover a manutenção da fauna silvestre.
B-I4	Existe investimento financeiro suficiente para gerar benefícios.
B-I5	Existem mercados sustentáveis para produtos e serviços derivados de plantas e animais silvestres.
B-I6	Os detentores formais de plantas e animais silvestres estão dispostos a compartilhar receitas com as comunidades.
B-I7	As comunidades percebem um nível de benefício tangível advindo de plantas e animais silvestres.
B-I8	As comunidades percebem algum nível de benefício intangível advindo de plantas e animais silvestres.
B-I9	Existe suficiente compreensão da ligação entre a existência continuada de plantas e animais silvestres e dos benefícios que eles geram.
B-I10	Os benefícios baseados na fauna silvestre não são distribuídos de forma desigual devido à captura de uma elite.

B-I11	A distribuição desigual de benefícios baseados na fauna silvestre não prejudica o apoio à manutenção da vida silvestre.
B-I12	A interferência de terceiros não prejudica os interesses da comunidade.
B-R1	As comunidades que têm direitos de possuir, manejar e/ou se beneficiar de plantas e animais silvestres os valorizam mais.
B-R2	Os benefícios são distribuídos de forma ampla o suficiente para garantir que a comunidade em geral, em vez de apenas alguns indivíduos, valorize plantas e animais silvestres.
B-P1	O conjunto completo de benefícios (tangíveis e intangíveis) advindos de plantas e animais silvestres é suficiente para impedir a caça furtiva.
B-P2	O conjunto completo de benefícios (tangíveis e intangíveis) advindos de plantas e animais silvestres é sustentável.

Percurso C

C-I1	Os custos totais de se viver com a fauna silvestre são conhecidos e podem ser quantificados.
C-I2	Recursos e ferramentas estão disponíveis para mitigar conflitos entre humanos e fauna silvestre (CHFS)
C-I3	Abordagens para mitigar o CHFS são eficazes.
C-I4	Políticas e estratégias oficiais são eficazes para reduzir o custo de se viver com a fauna silvestre.
C-R1	Comunidades com maior capacidade de mitigar o CHFS (com recursos, ferramentas, políticas) sofrem menos antagonismo em relação à fauna silvestre.
C-R2	Custos reduzidos de CHFS resultam em menor antagonismo contra a vida selvagem.
C-PK	Comunidades com menor antagonismo em relação à vida selvagem são menos incentivadas a apoiar direta ou indiretamente o CIFS.

Percurso D

D-I1	Existe capacidade adequada para o engajamento em meios de subsistência não baseados na fauna silvestre.
D-I2	É disponibilizado um apoio adequado para se desenvolver e manter meios de subsistência não baseados na fauna silvestre.
D-I3	As pessoas que estão (ou poderiam estar) envolvidas no CIFS podem obter benefícios de meios de subsistência não baseados na fauna silvestre.
D-I4	Os benefícios não baseados na fauna silvestre não são distribuídos de forma desigual devido à captura de uma elite.
D-I5	A distribuição desigual de benefícios não baseados na fauna silvestre não prejudica o apoio à manutenção da fauna silvestre.
D-I6	Esquemas de subsistência não baseados na fauna silvestre não geram incentivos perversos – por exemplo, o dinheiro ganho não é reinvestido na caça furtiva ou em outros usos da terra que afetam negativamente a conservação.
D-R1	Os meios de subsistência não baseados na fauna silvestre têm mercados e cadeias de fornecimento sustentáveis.
D-P1	Os meios de subsistência não baseados na fauna silvestre geram renda suficiente para substituir ou anular o incentivo ao envolvimento no CIFS, em vez de atuar como uma renda suplementar ao CIFS.
D-P2	O apoio a esquemas de meios de subsistência não baseados na fauna silvestre está condicionado à redução do CIFS.

RESULTADOS

E1	As ações comunitárias podem contribuir para reduzir o CIFS.
E2	O valor relativo dos produtos ilegais oriundos da fauna silvestre não é tão alto a ponto de a corrupção enfraquecer a ação da comunidade contra o CIFS.
E3	O risco relativo de ser detido, preso ou processado não é tão baixo a ponto de minar a ação da comunidade contra o CIFS.
F	A caça furtiva/tráfico foi reduzida a níveis sustentáveis.

Princípios-chave

Há uma série de princípios-chave no núcleo da metodologia LFD, que devem ser adotados pela equipe principal encarregada do processo:

1. Ser independente do designer e da comunidade, para garantir que as comunidades possam falar livremente e os resultados do processo estejam livres de preconceitos,
2. Fornecer feedback frequente às partes interessadas e validar iterativamente os resultados ao longo do processo,
3. Esforçar-se para transferir o controle e a responsabilidade de averiguação da TdM para todas as partes interessadas no âmbito local, incluindo o implementador/designer e a comunidade, e
4. Incentivar o uso de princípios de gestão adaptativa na implementação das intervenções subsequentes com seus parceiros.

Embora reconheçamos que nem sempre é possível que uma equipe central independente implemente essa metodologia, notamos que a ausência de uma equipe central pode tornar o processo imparcial, tornando impossível desenvolver uma verdadeira TdM no nível comunitário. Estas orientações pressupõem que uma equipe central independente esteja liderando o processo.

Esboço da metodologia LFD

Este guia explica como usar a metodologia LFD em dois contextos: para iniciativas antiCIFS existentes (Seção C) e para desenvolver iniciativas novas (Seção D).

A metodologia LFD usa a TdM de referência exposta na Figura 2 como ponto de partida. Essa TdM inicial serve como um esboço básico a partir do qual o implementador/designer pode criar sua própria TdM. A comunidade pode então desenvolver sua TdM a partir da TdM do implementador/designer. Essa progressão passo a passo de comparação com as TdMs prévias é demonstrada na Figura 3.

A Figura 3 mostra três TdMs:

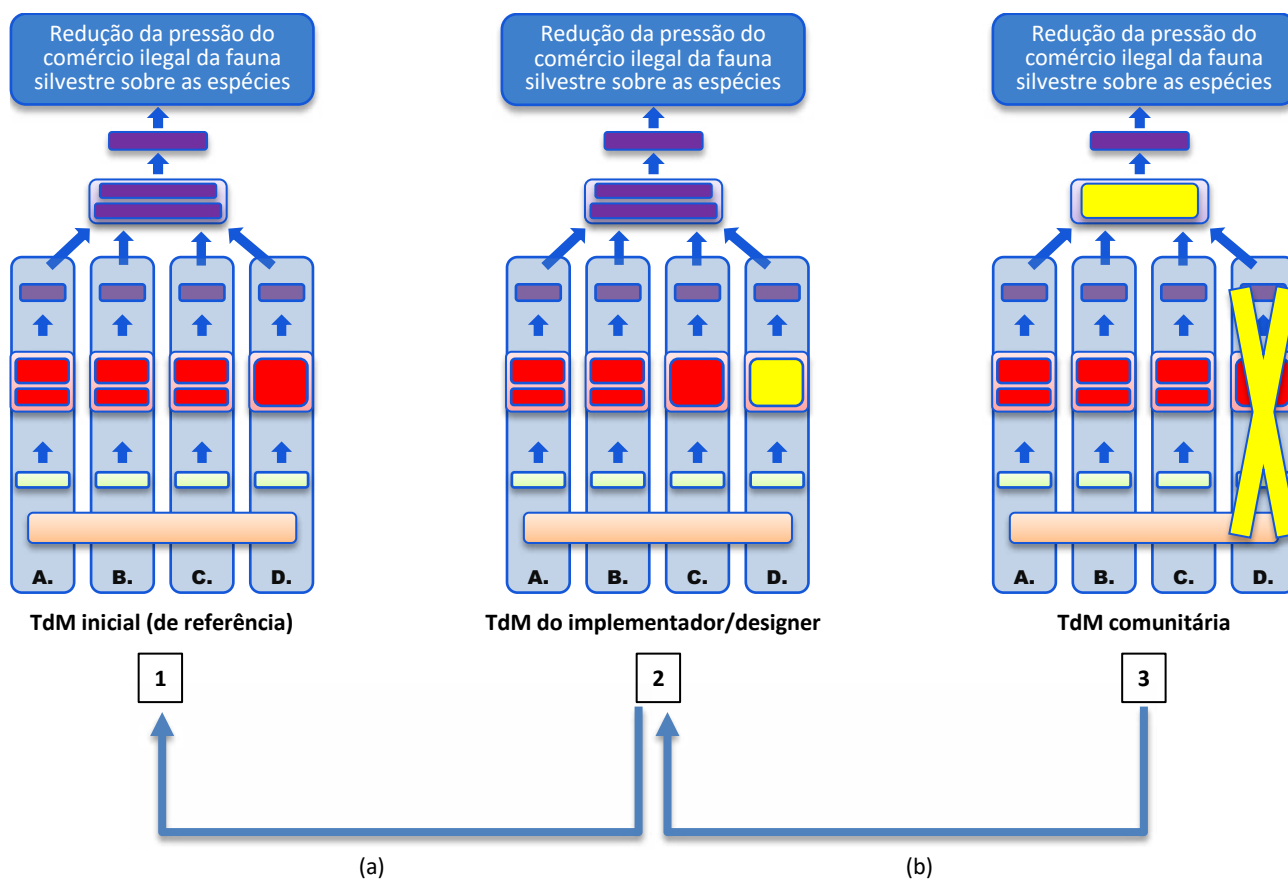
1. A TdM inicial (de referência),
2. A TdM daqueles que desenvolvem ou implementam intervenções em cada um dos quatro percursos que visam reduzir o CIFS, e
3. A TdM que descreve a visão da comunidade sobre como as intervenções podem reduzir o CIFS.

As setas azuis mostram a progressão de como ocorrem as comparações. Elas se dão:

- a. Entre a TdM do implementador/designer e a TdM inicial (de referência), e
- b. Entre a TdM do implementador/designer e a TdM comunitária.

Por meio desse processo, uma TdM comunitária é finalmente estabelecida. O sombreamento amarelo ilustra como a TdM pode mudar com o tempo.

Figura 3: Esboço geral dos resultados da metodologia LFD



A metodologia LFD segue um processo muito claro para desenvolver esses resultados e inclui uma série de ferramentas práticas e sistemáticas, que estão descritas na Seção C.

Seção C: Orientações passo a passo

Esta seção oferece orientações para a implementação da metodologia LFD em projetos já existentes. Ela apresenta um resumo geral das etapas, ferramentas e requisitos, com orientações detalhadas sobre cada etapa do processo.

A metodologia LFD contém sete etapas principais, cada uma contendo atividades específicas. Segue abaixo um esboço de cada etapa e das atividades envolvidas.

Etapa 1: Preparação e escopo

- 1.1 Definir a comunidade-alvo.
- 1.2 Avaliar a viabilidade.
- 1.3 Realizar visita de escopo no local.

Etapa 2: Workshop de iniciação

- 2.1 Realizar workshop de iniciação com todas as partes interessadas.

Etapa 3: Desenvolver uma TdM de implementador/designer

- 3.1 Conduzir entrevistas com a organização ou organizações que implementam a iniciativa, testando os pressupostos da TdM de referência por meio do exame das questões na ferramenta de desenvolvimento da TdM do implementador/designer.
- 3.2 Construir uma TdM do implementador/designer usando os resultados da entrevista.
- 3.3 Validar a TdM do implementador/designer.

Etapa 4: Desenvolver uma TdM comunitária

- 4.1 Atualizar a ferramenta de desenvolvimento TdM comunitária usando a TdM do implementador/designer recém-validada e os pressupostos.
- 4.2 Testar os pressupostos do implementador/designer no interior da comunidade, usando discussões em grupos focais.
- 4.3 Realizar uma reunião com toda a comunidade para apresentar os resultados consolidados das discussões dos grupos focais.
- 4.4 Construir uma TdM comunitária.

Etapa 5: Workshop de feedback

- 5.1 Realizar um workshop de feedback com todas as partes interessadas para validar a TdM comunitária e compará-la com a TdM do implementador/designer, identificar e discutir as principais diferenças.

Etapa 6: Comunicar as lições aprendidas

- 6.1 Consolidar as lições aprendidas e desenvolver recomendações para melhorar as intervenções no âmbito local, bem como a mudança de políticas nos âmbitos nacional e internacional. Produzir e publicar os recursos que possam fornecer orientações.

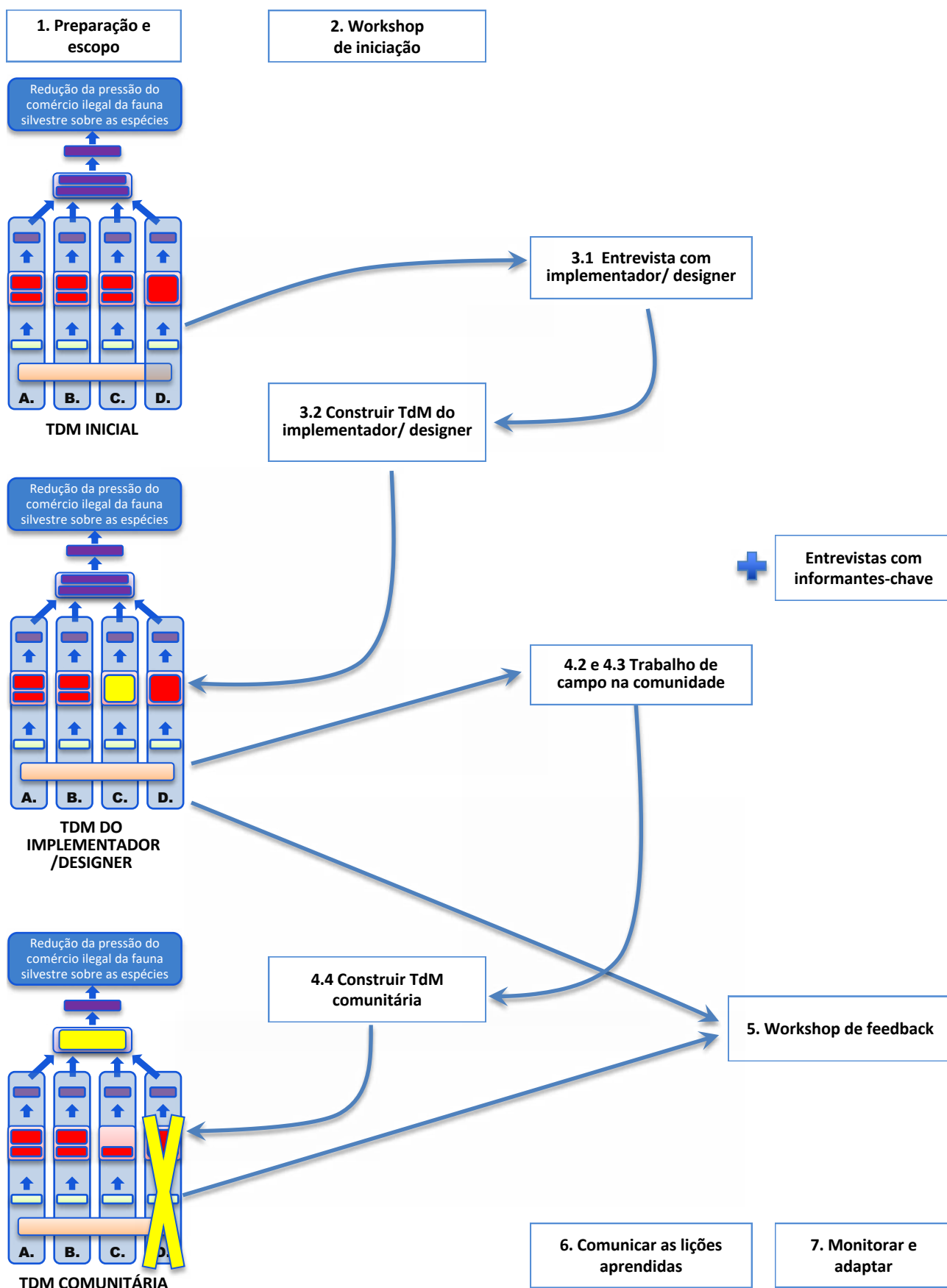
Etapa 7: Monitorar e adaptar

- 7.1 As partes interessadas no local continuam a implementar as lições aprendidas e monitorar o progresso.

Por favor, certifique-se de ler este guia por completo antes de iniciar a implementação dessa metodologia.

Essas etapas estão ilustradas na Figura 4. A Tabela 3 fornece um resumo mais detalhado dos objetivos, resultados e ferramentas associados a cada etapa. A Tabela 4 elenca os requisitos em termos de equipamentos, funcionários e tempo para cada etapa, com base na experiência até o momento. As informações nas tabelas 3 e 4 devem ajudar a desenvolver um orçamento completo para a implementação da metodologia LFD, depois de ter sido feito o planejamento detalhado das etapas 1 e 2.

Figura 4: Resumo das etapas da metodologia LFD



Todas as ferramentas listadas na Tabela 3 constam no Anexo 1 e podem ser baixadas digitalmente em: www.iucn.org/flod

Tabela 3: Objetivos, resultados e ferramentas

Etapa	Objetivos	Resultados	Ferramentas
1. Preparação e escopo	<p>Identificar e descrever implementadores/ designers e comunidades focais</p> <p>Determinar sua disposição para se engajar na abordagem da LFD</p> <p>Familiarizar-se com a área do projeto e começar a coletar informações contextuais</p> <p>Assegurar-se de que implementadores/ designers sejam bem informados sobre a metodologia LFD</p> <p>Acordar detalhes de implementação do lançamento da metodologia LFD</p>	<p>Compreensão do cenário e do contexto</p> <p>Implementador(es)/ designer(es) identificado(s), totalmente informado(s) sobre a metodologia LFD e disposto(s) a se envolver com a LFD</p> <p>Comunidade identificada, totalmente informada sobre a metodologia LFD e disposta a se envolver com a LFD</p> <p>Plano de implementação da LFD</p>	<p>Exemplo da programação de workshops da LFD</p>
2. Workshop de iniciação	<p>Estabelecer detalhes de implementação para a implantação da metodologia LFD</p> <p>Identificar as partes interessadas para entrevistas com informantes-chave</p> <p>Estabelecer a divisão do grupo focal</p>	<p>Plano de implementação da LFD</p> <p>Análise das partes interessadas</p> <p>Divisão do grupo focal</p>	<p>Modelo de análise de partes interessadas da LFD</p> <p>Exemplo da programação de workshops da LFD</p> <p>Apresentação introdutória à LFD – longa</p>
3. Comparar a TdM do implementado/ designer com a TdM inicial (de referência)	<p>Desenvolver TdM do implementador/ designer validada</p>	<p>TdM do implementador/ designer validada</p>	<p>Formulário de consentimento de entrevista da LFD</p> <p>TdM inicial da LFD</p> <p>Pressupostos da TdM inicial da LFD</p> <p>Ferramenta de desenvolvimento da TdM do implementador/ designer da LFD</p> <p>Apresentação introdutória à LFD – longa</p>
4. Trabalho de campo na comunidade	<p>Testar a TdM do implementador/ designer com a comunidade</p> <p>Construir a TdM comunitária</p>	<p>TdM comunitária</p>	<p>Apresentação introdutória à LFD – curta</p> <p>Formulário de consentimento do grupo focal da LFD</p> <p>Exemplo da programação da LFD</p>
5. Workshop de feedback	<p>Validar a TdM comunitária</p> <p>Comparar as TdMs do designer e da comunidade e identificar áreas de divergência</p>	<p>Validar a TdM comunitária</p> <p>Principais áreas de diferença e semelhança entre as TdMs do implementador/designer e comunitária</p>	<p>Exemplo da programação da LFD</p>
6. Comunicar lições aprendidas	<p>Consolidar informação</p> <p>Influenciar a formulação de políticas nacionais</p> <p>Contribuir para influenciar a formulação de políticas internacionais</p>	<p>Fornecer um recurso para a comunidade e implementadores/ designers</p>	
7. Monitorar e adaptar	<p>Melhorar as intervenções atuais com base nas lições aprendidas</p> <p>Processo de aprendizagem iterativa para se adaptar a mudanças de circunstâncias ao longo do tempo</p>	<p>Intervenções estão alinhadas com as crenças e perspectivas da comunidade</p> <p>As intervenções desfrutam de maior apoio e participação da comunidade</p>	

Tabela 4: Funcionários, tempo e equipamento necessários

Etapa	Funcionários	Equipamento	Tempo
1. Preparação e escopo	Pelo menos dois membros da equipe principal, dos quais um deve ser um facilitador experiente Intérprete do idioma local Contato local	Laptop, energia elétrica, projetor, gráficos, marcadores, outros materiais de facilitação	Reuniões com potenciais implementadores/ designers: um dia para cada implementador/ designer Visitas aos locais: pelo menos um dia por local Tempo de viagem Tempo de acompanhamento conforme necessário para planejar a implementação do projeto
2. Workshop de iniciação	Pelo menos dois membros da equipe principal, dos quais um deve ser um facilitador experiente	Local de tamanho adequado, laptop, energia, projetor, materiais de facilitação	Tempo preparatório, conforme necessário Workshop/reunião: dois dias
3. Comparar a TdM do implementador/ designer com a TdM inicial	Pelo menos dois membros da equipe principal	Laptop, energia elétrica, sala silenciosa, sem distúrbios, projetor, utensílios, conforme sugerido	Entrevista: um dia por implementador/designer Construir a TdM do implementador/ designer: um dia por implementador/ designer Validar a TdM do implementador/ designer: um dia por implementador/designer
4. Trabalho de campo na comunidade	Pelo menos dois membros da equipe principal (com ao menos um facilitador treinado) Intérprete do idioma local independente Segundo intérprete (para trabalhar junto ao responsável pelo registro) Contato local	Laptop, energia elétrica, cabos de extensão, impressora, projetor, sala que possa servir de sala de projeção ou pano escuro para cobrir janelas; gráficos e marcadores, utensílios, conforme sugerido	Preparar ferramentas e interpretação: de um a dois dias Grupos focais: um dia por grupo focal (recomende um dia de intervalo caso mais de dois grupos focais) Consolidação antes da reunião com a comunidade inteira: um dia Reunião com a comunidade inteira: um dia Tempo de viagem Construir a TdM comunitária: dois dias
5. Workshop de feedback	Pelo menos dois membros da equipe principal, preferencialmente três Intérprete do idioma local	Laptop, energia elétrica, projetor, materiais de facilitação	Preparação: dois dias Reunião feedback: dois dias Acompanhamento: um a dois dias
6. Comunicar as lições aprendidas	Equipe principal inteira	Nenhum equipamento necessário	Dependerá do meio usado para distribuir as lições
7. Monitorar e adaptar	Implementadores/ designers e comunidades	Nenhum equipamento necessário	

Etapa 1: Preparação e escopo

Tabela 5: Recursos necessários para um workshop de preparação e escopo

Recurso	Requisitos mínimos
Funcionários	Pelo menos dois membros da equipe principal, dos quais um deve ser um facilitador experiente Intérprete do idioma local Contato local
Materiais	Laptop, energia elétrica, projetor, gráficos, marcadores, outros materiais de facilitação
Tempo	Reuniões com potenciais implementadores/designers: um dia para cada implementador/designer Visitas aos locais: pelo menos um dia por local, além do tempo de viagem Tempo de acompanhamento: conforme o necessário para planejar a implementação do projeto

Objetivos e resultados

Os objetivos da Etapa 1 são:

- Identificar e descrever implementadores/designers e comunidades focais,
- Determinar sua disposição para se engajar na abordagem LFD,
- Familiarizar-se com a área do projeto e começar a coletar informações contextuais,
- Assegurar-se de que os implementadores/designers estejam bem informados sobre a metodologia LFD, e
- Acordar detalhes de implementação para a implantação da metodologia LFD.

Ao final da Etapa 1, você deve ter alcançado os seguintes resultados:

- Compreensão do cenário e do contexto;
- Implementador(es)/designer(es) identificado(s), totalmente informado(s) sobre a metodologia LFD e disposto(s) a se engajar na LFD,
- Comunidade identificada, totalmente informada sobre a metodologia LFD e disposta a se engajar na LFD, e
- Plano de implementação da LFD.

1.1 Definir a comunidade-alvo

Definir a comunidade-alvo é um primeiro passo crucial. Como baseamos esse guia na experiência com comunidades relativamente pequenas, homogêneas e bem definidas, ele é relevante para comunidades com tais características. Estamos testando a LFD em outros contextos e ficariamos gratos de receber comentários de qualquer pessoa que aplique a metodologia em outros cenários.²

Pode ser necessário adotar uma abordagem de amostras para obter representação em situações mais complexas. A Tabela 6 descreve abordagens de amostras que podem ser úteis. Estamos particularmente interessados em ouvir relatos de pessoas que tenham usado uma abordagem de amostras dentro da metodologia LFD.

² Para obter orientações detalhadas sobre como definir comunidades, consulte a Seção 2 do guia de treinamento INTRINSIC da Cambridge Conservation Initiative: www.cambridgeconservation.org/resource/toolkits/intrinsic-integrating-rights-and-social-issues-conservation-trainers-guide

Tabela 6: Abordagem de amostras³

Abordagem	Pontos fortes / limitações
<p>Método 1: Amostragem aleatória de grupos.</p> <p>Divida a área total em duas a seis zonas (por ex., com base na seleção de comunidades para os workshops comunitários).</p> <p>Em cada zona, selecione aleatoriamente as comunidades X.</p> <p>Dentro de cada comunidade, selecione aleatoriamente cinco domicílios.</p> <p>X será determinado pelo número de zonas e pelo tamanho total da amostra que você deseja (por ex., com três zonas e uma amostra total de 180 (60 por zona) você selecionaria 12 comunidades e entrevistaria cinco domicílios em cada comunidade).</p>	<p>Esta é a melhor abordagem do ponto de vista estatístico, mas o método requer listas de todos os domicílios das comunidades selecionadas.</p> <p>Se essas listas não existirem e você tiver tempo e recursos, peça aos líderes das comunidades selecionadas que façam as listas de domicílios.</p> <p>Como as comunidades são selecionadas aleatoriamente, a abordagem não é muito prática em lugares onde algumas comunidades são inacessíveis.</p> <p>Se precisar evitar essas comunidades por causa de restrições logísticas, use os Métodos 3 ou 4.</p>
<p>Método 2: Amostragem semialeatória de grupos</p> <p>Como o Método 1, mas se as listas de domicílios não estiverem disponíveis, os entrevistadores devem escolher os domicílios a serem entrevistados dentro das comunidades selecionadas enquanto estiverem fazendo a pesquisa.</p> <p>Eles devem se esforçar para assegurar uma amostra representativa, especialmente no que diz respeito ao bem-estar domiciliar. Para tanto, devem entrevistar pessoas mais ricas com casas de melhor qualidade e pessoas mais pobres com casas de menor qualidade.</p>	<p>Essa abordagem será a mais amplamente utilizada, uma vez que é relativamente fácil obter listas de todas as comunidades dentro de uma área, mas é mais difícil obter listas confiáveis de domicílios em cada comunidade.</p> <p>A principal limitação desta abordagem é o risco de introduzir preconceitos ao selecionar os domicílios para entrevista nas comunidades-alvo.</p>
<p>Método 3: Amostragem não aleatória de grupos</p> <p>Como o Método 2, porém você deve selecionar deliberadamente as comunidades X a serem pesquisadas, levando em consideração o acesso facilitado e, ao mesmo tempo, tentando evitar o preconceito, garantindo que as comunidades amostradas forneçam um quadro representativo da situação naquela zona. Dentro de cada comunidade, selecione aleatoriamente cinco domicílios, caso exista uma lista de famílias.</p> <p>Se não houver uma lista, os entrevistadores devem selecionar os domicílios, tentando garantir uma amostra representativa.</p>	<p>Esta abordagem tem ainda maior risco de imparcialidade, mas pode ser aceitável se as comunidades-alvo forem cuidadosamente selecionadas para capturar, da melhor forma possível, toda a gama de diferentes situações com relação aos impactos sociais relacionados à área protegida, levando em conta diferentes tipos de impactos sociais e distância das fronteiras da área protegida, o que pode determinar até que ponto as pessoas são afetadas por esses impactos.</p>
<p>Método 4: amostragem de quadrícula</p> <p>Tal como se faz na amostragem ecológica, você pode colocar aleatoriamente quadrículas de um determinado tamanho (usamos 800x800m no Quênia) em todas as comunidades que estão incluídas na avaliação e anotar as coordenadas de GPS para os quatro cantos de cada quadrado. Os enumeradores devem então visitar cada quadrado e entrevistar cada família dentro do quadrado usando um GPS para encontrar os limites do quadrado no local.</p>	<p>Onde não há listas de domicílios, este método é uma alternativa prática, mas só é adequado em terrenos relativamente planos, onde sabemos de antemão que todas as comunidades e domicílios são de fácil acesso.</p> <p>Esse método requer um bom mapa da comunidade com as delimitações da área protegida, os limites das comunidades dentro da área protegida e os limites de todas as comunidades ao seu redor que deve ser incluído na avaliação (para ter certeza de que os quadrados estão dentro dessas comunidades).</p>
<p>Método 5: Amostra de 100%</p> <p>Quando menos de 100 domicílios integrarem a(s) comunidade(s) a ser incluída(s) na avaliação, a pesquisa deve ter como objetivo incluir todos os domicílios.</p>	

Fonte: Franks, P e Small, R (2016)

³ Veja Newing, H et al. (2011) para mais explicações..

Considere os parâmetros com os quais você está trabalhando. Eles podem ser:

- Uma unidade de gestão existente, como uma área de conservação,
- Um conjunto de aldeias com características compartilhadas em um local específico,
- A comunidade-alvo de um projeto que está sendo desenvolvido ou
- Uma área de conservação que está sendo estabelecida.

A definição usada dependerá de como as comunidades e os principais implementadores/designers da área se identificam. Isso terá que ser equilibrado com a escala na qual a equipe acredita que é possível implementar a metodologia LFD.

Depois de definir os parâmetros, é essencial identificar também o implementador/designer relevante. Pode haver mais de uma organização trabalhando em uma área e é fundamental determinar quais delas planejam ou estão implementando intervenções em torno do papel das comunidades no combate ao CIFS, pois pode haver mais de uma.

Antes de começar a implementar a metodologia LFD — e depois de identificar o implementador/designer e a comunidade — você precisa estabelecer se a metodologia LFD será apropriada e prática nessa configuração e contexto específicos.

1.2 Avaliar a viabilidade

A experiência tem demonstrado que é necessário atender a vários critérios com base no local e no processo para que a LFD seja viável e útil. Por isso, é importante avaliá-los cuidadosamente antes de empreender uma visita de escopo.

Tabela 7: Critérios para avaliação de viabilidade da LFD

Critério	S/N	Comentário: Se não...
Critérios baseados no local		
O local está claramente definido (área, comunidade, implementador/designer)		Não use a metodologia LFD
Há uma ameaça à fauna silvestre devido ao CIFS de alto valor		Não use a metodologia LFD
A comunidade tem um papel na facilitação ou no combate ao CIFS		Não use a metodologia LFD
O local é seguro o suficiente para realizar o trabalho de campo		Não use a metodologia LFD
É logisticamente possível que a equipe principal se desloque e que os principais representantes dos grupos das partes interessadas se reúnam		Não use a metodologia LFD
Há os recursos e a infraestrutura necessários para o trabalho de campo, incluindo o acesso à eletricidade, uma sala que pode ser escurecida para projeção, alojamento e outras condições de trabalho para a equipe		Não use a metodologia LFD

Critério	S/N	Comentário: Se não...
Critérios baseados no processo		
As condições permitem a introdução de um indivíduo ou instituição neutra para realizar a metodologia LFD		O processo será imparcial internamente e poderá não revelar a verdadeira TdM comunitária
Implementadores/designers, principais partes interessadas e membros da comunidade estão dispostos a se envolver com a equipe principal para participar da metodologia LFD		Não use a metodologia LFD
Implementadores/designers e comunidades estão dispostos a articular as TdMs		Não use a metodologia LFD
Os implementadores/designers estão dispostos a adaptar intervenções baseadas em lições que emergirem no processo		Não use a metodologia LFD
Não há um risco potencialmente incontrolável de que, ao implementar a metodologia, você crie conflitos com e entre as partes interessadas.		Não use a metodologia LFD
Um intérprete hábil e especializado na língua local está à disposição e é independente da comunidade, parceiros locais ou designers de projeto		Não use a metodologia LFD
Existe um parceiro de longo prazo disposto e capaz de implementar possíveis descobertas e recomendações referentes a todo o processo da LFD, mesmo quando forem contrárias à sua própria abordagem/ TdM		Não use a metodologia LFD
Existem recursos financeiros adequados para implementar a metodologia por completo		Não use a metodologia LFD

1.3 Visita de escopo

Depois de selecionar um local ou locais usando os critérios acima, é importante realizar uma breve visita de escopo ao local e à comunidade. Isso permitirá a verificação de que a metodologia LFD é apropriada para a área e o planejamento de uma implementação detalhada da metodologia (Etapas 2 a 7 deste guia) com os implementadores/designers.

Quem precisa ir: são necessários dois membros da equipe principal para a visita de escopo — um para facilitar as discussões e outro para registrá-la. Você também pode precisar de um intérprete do idioma local. Pelo menos uma pessoa de sua equipe principal deve ser um facilitador experiente, altamente adaptável e pontual.

Quanto tempo será necessário? A duração de sua visita dependerá do número de comunidades delimitadas. Você precisará de no mínimo um dia inteiro com o implementador/designer para familiarizá-lo sobre a abordagem e um dia inteiro em cada comunidade visitada. O tempo de viagem é adicional a essas atividades.

Reuniões para informação (briefing): Tanto a equipe principal quanto os implementadores/designers precisam estar bem informados e compartilhar um entendimento comum da metodologia, contexto da comunidade, assuntos institucionais e os objetivos da visita. Portanto, é necessário programar pelo menos um dia de reuniões entre a equipe principal e os implementadores/designers para:

- Estabelecer uma compreensão compartilhada das relações institucionais, do financiamento e do objetivo da viagem.
- Assegurar-se de que os parceiros locais tenham uma compreensão abrangente de uma abordagem TdM e da metodologia LFD mais detalhada (para tanto, pode-se usar a “apresentação introdutória à LFD”),
- Fazer uma breve descrição, para a equipe principal, das especificidades de cada área a ser visitada — por exemplo, a situação do CIFS; atitudes da comunidade; acordos institucionais; atividades de conservação; parceiros; e mapas da área,
- Revisar os planos logísticos, e
- Revisar o plano de visita à comunidade, incluindo planos para reuniões de escopo da comunidade.

Visitas ao local: para se familiarizar com a área-alvo, a equipe principal deve realizar uma visita ao local com uma pessoa que tenha profundo conhecimento local e possa responder a perguntas sobre a comunidade, a área e os desafios da caça furtiva. Uma reunião de escopo da comunidade é uma oportunidade de obter informações mais contextuais sobre a situação na área e determinar se a comunidade está disposta a se engajar na metodologia LFD. Aprendemos que é importante não nutrir as expectativas da comunidade com relação ao trabalho futuro do projeto e preparar a metodologia para essa reunião com antecedência com o parceiro local.

Sugestões para iniciar uma reunião de escopo com a comunidade

Como todas as comunidades são diferentes e exigem diferentes técnicas de facilitação, recomendamos que a reunião seja iniciada com alguns exercícios simples para facilitar a interação e permitir que sejam obtidos progressos em direção ao assunto sob discussão.

Introdução: a reunião pode ser iniciada com uma discussão informal, mas estruturada, com o grupo comunitário, sobre as características dos produtos de recursos naturais (animais e vegetais) que são comercializados naquela área, produzindo uma lista em um quadro. Essas informações podem depois ser usadas como base da sua análise (veja a Tabela 8).

Tabela 8: Reunindo informações na reunião de escopo com a comunidade

Recurso natural no comércio de alto valor	Aumento/redução	Legal/ilegal	Comercial/subsistência	Sustentável/insustentável	Uso interno/externo
Marfim de elefante					
Chifre de rinoceronte					
Escamas de pangolim					
Sândalo					
Barbatanas de tubarão					
Garra do diabo					

Após a introdução, apresente os quatro percursos da TdM e facilite uma discussão sobre os tipos de intervenção para cada percurso na área do projeto. Conduza um simples exercício de avaliação dos percursos para examinar a percepção inicial da comunidade em relação à importância relativa de cada um. Pode ser útil retornar à lista mais tarde, para comparar os pensamentos iniciais dos participantes com os resultados posteriores, abordando as principais mudanças na ponderação dos percursos no workshop com a comunidade inteira (veja o Passo 4).

Observe que os produtos de recursos naturais mostrados são exemplos apenas. A lista de produtos deve ser gerada pela comunidade.

Etapa 2: Workshop de iniciação

Tabela 9: Recursos necessários para um workshop de iniciação

Recurso	Requisitos mínimos
Funcionários	Ao menos dois membros da equipe principal, dos quais um deve ser um facilitador experiente
Materiais	Local de tamanho adequado, laptop, energia elétrica, projetor, materiais de facilitação
Tempo	Workshop: dois dias, mais o tempo preparatório, conforme necessário

Objetivos e resultados

Os objetivos da Etapa 2 são:

- Acordar detalhes de implementação para a implantação da metodologia LFD,
- Identificar as partes interessadas para entrevistas com informantes-chave, e
- Concordar com a divisão do grupo focal.

Ao final da Etapa 2, você deve ter obtido os seguintes resultados:

- Plano de implementação da LFD,
- Análise das partes interessadas, e
- Divisão do grupo focal.

2.1 Realizar um workshop de iniciação

Depois de determinar que a aplicação da metodologia LFD no local proposto é apropriada e viável, é necessário conduzir o workshop de iniciação com os parceiros relevantes. Os principais participantes a serem incluídos no workshop são:

- Membros da equipe principal,
- Implementadores/designers,
- Contato ou contatos locais,
- Representantes da comunidade, e
- Quaisquer outras partes interessadas que possam ser relevantes para outros componentes do projeto — por exemplo, para influenciar a formulação de políticas.

No workshop/reunião deve-se:

- Apresentar a metodologia LFD (usando a “apresentação introdutória à LFD - longa”).
- Apresentar os locais e comunidades e coletar informações contextuais básicas, tais como: planos ou estratégias de manutenção existentes, informações básicas sobre a demografia da população humana, espécies-alvo, níveis de caça furtiva, conflitos entre humanos e fauna silvestre, atividades de subsistência baseadas e não baseadas na fauna silvestre, acordos de partilha de receita entre o setor privado e a comunidade e pesquisas recentes sobre a fauna silvestre.
- Garantir que todos tenham um entendimento comum de cada etapa da metodologia LFD — incluindo requisitos em termos de funcionários, tempo e recursos.

- Estabelecer uma abordagem de campo, fazendo os ajustes necessários na metodologia.
- Estabelecer a divisão dos grupos focais da comunidade — estes dependem totalmente do contexto e dos objetivos de seu projeto, mas devem ser diferenciados pelo menos pelo gênero e as faixas etárias.
- Identificar as necessidades linguísticas e possíveis intérpretes.
- Realizar uma análise das partes interessadas para identificar informantes-chave e o(s) percursos(s) da TdM com os quais eles podem contribuir em suas entrevistas (usando o modelo de análise de partes interessadas no Anexo 1).
- Estabelecer a logística e o prazo para implementar cada etapa da metodologia.

Observe que, neste estágio de iniciação, talvez seja necessário fazer ajustes na TdM inicial (de referência) para adaptá-la ao contexto — por exemplo, pode ser imediatamente aparente que um determinado percurso é inadequado ou precisa ser ajustado significativamente. Qualquer alteração na TdM inicial deve ser feita na ferramenta de desenvolvimento da TdM do implementador/designer antes da aplicação.

Etapa 3: Desenvolver uma TdM do implementador/designer

Tabela 10: Recursos necessários para desenvolver uma TdM do implementador/designer

Recurso	Requisitos mínimos
Funcionários	Dois membros da equipe principal
Materiais	Laptop, energia elétrica, sala silenciosa sem perturbações, projetor, utensílios, conforme sugerido
Tempo	Entrevista: um dia por implementador/designer Construir a TdM do implementador/designer: um dia por implementador/designer Validar a TdM do implementador/designer: um dia por implementador/designer

Objetivo e resultado

O objetivo da Etapa 3 é construir uma TdM do implementador/designer validada.

No final da Etapa 3, seu resultado deve ser uma TdM do implementador/designer validada.

Introdução

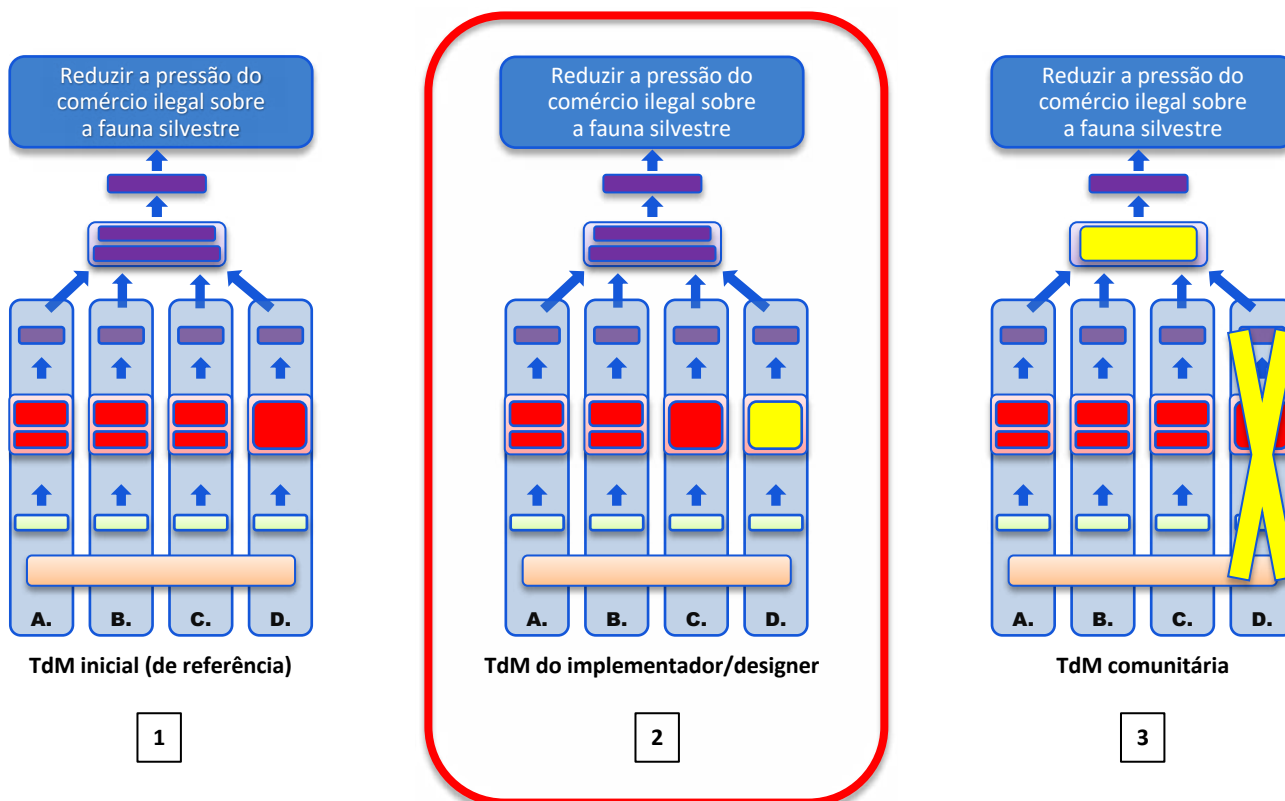
A Etapa 3 descreve o processo de construção de uma TdM do implementador/designer do projeto, referida neste documento como TdM do implementador/designer. Na maioria dos projetos voltados ao combate do CIFS em parceria com as comunidades, geralmente há uma instituição ou indivíduo que poderia ser considerado o implementador/designer do projeto. Se não houver — e o projeto tiver sido concebido e implementado inteiramente pela comunidade, sem envolvimento de terceiros — você pode passar diretamente para a Etapa 4.

É importante entender e articular os pressupostos e a lógica subjacentes que o implementador/designer do projeto usou para tomar decisões sobre o projeto e está usando para tomar decisões em torno de suas intervenções e da implementação. Isso permite a comparação entre os pressupostos da TdM inicial (de referência) e a TdM do implementador/designer (conforme mostrado na Figura 5) e, em seguida, entre a TdM do implementador/designer e a TdM comunitária. Essa comparação é crucial e deve expor as principais contradições ou pressupostos críticos que possam prejudicar o sucesso do projeto.

Quem precisa estar envolvido?

Você precisará de dois membros da equipe principal — um para fazer as perguntas e facilitar a conversa e outro para registrar as respostas para cada pergunta. Após a entrevista, eles precisarão trabalhar juntos para construir e validar a TdM do implementador/designer.

Figura 5: Desenvolver uma TdM do implementador/designer



Quem deve ser entrevistado?

É fundamental entrevistar a organização ou instituição envolvida na concepção e implementação do projeto. Em alguns casos, uma pequena equipe de indivíduos pode estar envolvida. Se assim for, eles devem ser entrevistados juntos. Em outros casos, pode haver mais de uma instituição envolvida. Se for possível classificar várias instituições como implementadoras/designers, em vez de partes interessadas importantes que devem ser entrevistadas para fins de validação e triangulação, o processo será mais complexo. Você terá de conduzir uma entrevista à parte com cada implementador/designer, criando uma TdM para cada um e depois comunicando as informações das várias TdMs para todos os implementadores/designers. O objetivo aqui não é produzir uma TdM única e unificada, mas sim encontrar e articular as principais diferenças.

Usando a ferramenta de desenvolvimento da TdM do implementador/designer

Faça o download da versão digital mais recente da ferramenta de desenvolvimento da TdM do implementador/designer da LFD em: www.iucn.org/flod. Ao abrir a planilha do Excel que contém a ferramenta, você verá várias abas. A primeira aba contém instruções detalhadas sobre como usar a ferramenta. Antes de começar, certifique-se de ter atualizado a ferramenta de desenvolvimento da TdM do implementador/designer para que reflita os ajustes feitos na TdM inicial (de referência). A Figura 6 mostra um exemplo detalhado de uma ferramenta completa de desenvolvimento do implementador/designer. O próximo passo é decidir quem entrevistar.

Figura 6: Exemplo de uma ferramenta de desenvolvimento da TdM do implementador/designer concluída

CATEGORIA DA TDM	PARÂMETROS DA TDM		←NEGATIVO		Pontuação	POSITIVO→	
	DECLARAÇÃO DA TDM (PARÂMETROS DA TDM)	PERGUNTA DA ENTREVISTA	Discordo totalmente	Discordo parcialmente		Concordo parcialmente	Concordo totalmente
IMPACTO E RESULTADOS	IMPACTO E RESULTADOS	IMPACTO E RESULTADOS					
Impacto de longo prazo	Diminuição da pressão exercida pelo comércio ilegal da fauna silvestre sobre as espécies	Um dos principais objetivos do seu trabalho é diminuir a pressão exercida pelo comércio ilegal da fauna silvestre sobre as espécies?	0	0	3	0	0
Pressuposto: F	A caça furtiva/tráfico foi reduzida a níveis sustentáveis	A caça furtiva/tráfico pode ser reduzida a níveis sustentáveis?	0	0	3	0	0
Pressuposto: F-Outro	Outro	[Se o entrevistado/grupo focal tiver outros pressupostos relevantes neste nível, registre-os aqui]	0	0	3	0	0
Resultados gerais	Redução da caça furtiva/tráfico por pessoas de fora	Seu foco principal neste trabalho é a redução da caça furtiva/tráfico para o CIFS por pessoas de fora?	0	0	3	0	0
Resultados gerais	Redução da caça furtiva/tráfico pela comunidade	Seu foco principal neste trabalho é a redução da caça ilegal/tráfico para o CIFS por membros da comunidade?	0	0	3	0	0
Pressuposto: E1	As ações comunitárias podem contribuir para reduzir o CIFS	As ações comunitárias podem contribuir para reduzir o CIFS?	0	0	3	0	0
Pressuposto: E2	O valor relativo dos produtos ilegais derivados da fauna silvestre não é tão alto a ponto de a corrupção enfraquecer a ação da comunidade contra o CIFS	O valor relativo dos produtos silvestres ilegais não é alto a ponto de a corrupção minar a ação da comunidade contra o CIFS?	0	0	3	0	0
Pressuposto: E3	O risco relativo de ser detido, preso ou processado não é tão baixo a ponto de minar a ação da comunidade contra o CIFS.	O risco relativo de ser detido, preso ou processado não é baixo a ponto de minar a ação da comunidade contra o CIFS?	0	0	3	0	0

3.1 Entrevistar implementadores/designers

Antes de começar a entrevista, certifique-se sempre de que o entrevistado leu e assinou o formulário de consentimento de entrevista (mostrado no Anexo 1) e que ele está confortável com os termos-chave que serão usados no processo de entrevista.

Os entrevistados devem ter sido familiarizados com a metodologia LFD durante o workshop de iniciação. Se esse não for o caso, faça uma apresentação (usando os slides da “Apresentação introdutória à LFD - longa”) para familiarizá-los com a abordagem.

Como entrevistador, você deve estar de posse de informações contextuais sobre a comunidade e o projeto — como planos ou estratégias de manutenção já existentes, informações sobre demografia da população humana, caça furtiva, conflitos entre humanos e fauna silvestre, atividades de subsistência baseadas e não baseadas na fauna silvestre, acordos de partilha de receitas e pesquisas recentes sobre a fauna silvestre — desde o início do workshop. Se essas informações não estiverem disponíveis, faça perguntas iniciais sobre seus programas existentes, os níveis de CIFS e as dinâmicas locais, para se familiarizar com o contexto.

Quando estiver familiarizado com o contexto, trabalhe metodicamente com a ferramenta da planilha, de cima para baixo. Ela é projetada para lidar sistematicamente com toda a TdM inicial, examinando o impacto geral pretendido e os resultados, e entendendo os tipos de intervenções que estão sendo realizadas. É importante ressaltar os pressupostos que sustentam a lógica da TdM.

A ferramenta consiste em uma série de afirmações. Você deve perguntar aos entrevistados o quanto eles concordam com cada uma delas, numa escala de um a cinco, em que “discordo totalmente” = 1, e “concordo totalmente” = 5. Se estiver entrevistando um grupo em vez de um indivíduo, pode ser útil usar acessórios (ver a caixa na Etapa 4).

Se os entrevistados estiverem confusos com o sistema de pontuação, uma regra geral é que a pontuação deve ser positiva (4 ou 5) se a resposta concorda com a lógica da TdM e negativa (1 ou 2) se a resposta vai contra a lógica da TdM. Em outras palavras, as pontuações são dadas a partir da declaração da TdM e não das perguntas individuais.

Percorra sistematicamente a planilha, registrando qualquer informação adicional na coluna J e declarações alternativas na coluna K.

3.2 Construir uma TdM do implementador/designer

As colunas J e K devem fornecer informações suficientes para você construir a TdM do implementador/designer. A Tabela 11 mostra a ação que deve ser executada para cada componente da TdM.

Tabela 11: Ações para construir uma TdM do implementador/designer

Nível da TdM	Ação a ser tomada
Pressupostos	Observe quais pressupostos não são válidos Acrescente novos pressupostos
Impacto	Observe as alterações no impacto geral
Resultados (globais e transversais)	Observe quais resultados não são válidos Acrescente novos resultados
Resultados do percurso	Observe quais resultados não são válidos Acrescente novos resultados
Resultados	Remova quaisquer resultados que não sejam válidos Acrescente novos resultados
Intervenções indicativas	Remova quaisquer intervenções que não sejam válidas Acrescente novas intervenções
Ações de ativação	Observe quais ações possíveis não são válidas Acrescente novas ações possíveis

Guarde todas as versões dos documentos enquanto você passa por esse processo para garantir que nenhuma informação será perdida.

Usando as informações obtidas nesse processo, modifique o diagrama TdM inicial da LFD e os pressupostos associados, de forma a refletir a entrada dos implementadores/designers. Aconselhamos cautela antes de fazer alterações ou remover esses pressupostos, pois eles foram desenvolvidos a partir de uma ampla variedade de contextos. Atualize as ações indicativas em cada percurso, bem como os resultados esperados, os resultados de fato e os impactos do projeto, altere o tamanho relativo (largura) de cada percurso de forma a refletir aqueles que o projeto enfatiza mais ou menos e atualize a lista de pressupostos. O resultado é o esboço de sua TdM do implementador/designer.

3.3 Validar a TdM do implementador/designer

Depois de desenvolver o esboço da TdM do implementador/designer, é importante validá-lo com os implementadores/designers por meio de uma breve discussão. Use o slide do PowerPoint e a nova lista de pressupostos elaborada durante o processo, como base para a discussão. Faça as alterações finais necessárias no diagrama da TdM do implementador/designer e na tabela de pressupostos.

Etapa 4: Desenvolver uma TdM comunitária

Tabela 12: Recursos necessários para desenvolver uma TdM comunitária

Recurso	Requisitos mínimos
Funcionários	Dois membros da equipe principal, dos quais um deve ser um facilitador treinado com experiência em trabalho comunitário sobre esses tipos de questões Intérprete do idioma local independente Segundo intérprete (para trabalhar ao lado do detentor dos registros)
Materiais	Laptop, energia elétrica, cabos de extensão, impressora, projetor, sala que pode ser usada para projeção ou pano escuro para cobrir janelas, gráficos e marcadores, objetos, conforme sugerido
Tempo	Preparar ferramentas e interpretação: um a dois dias Grupos focais: um dia por grupo focal (recomende um dia de pausa se houver mais de dois grupos focais) Consolidação antes da reunião da comunidade inteira: um dia Reunião da comunidade inteira: um dia Tempo de viagem Construir TdM comunitária: dois dias

Objetivos e resultados

Os objetivos da Etapa 4 são:

- Testar a TdM do implementador/designer com a comunidade e
- Construir a TdM comunitária

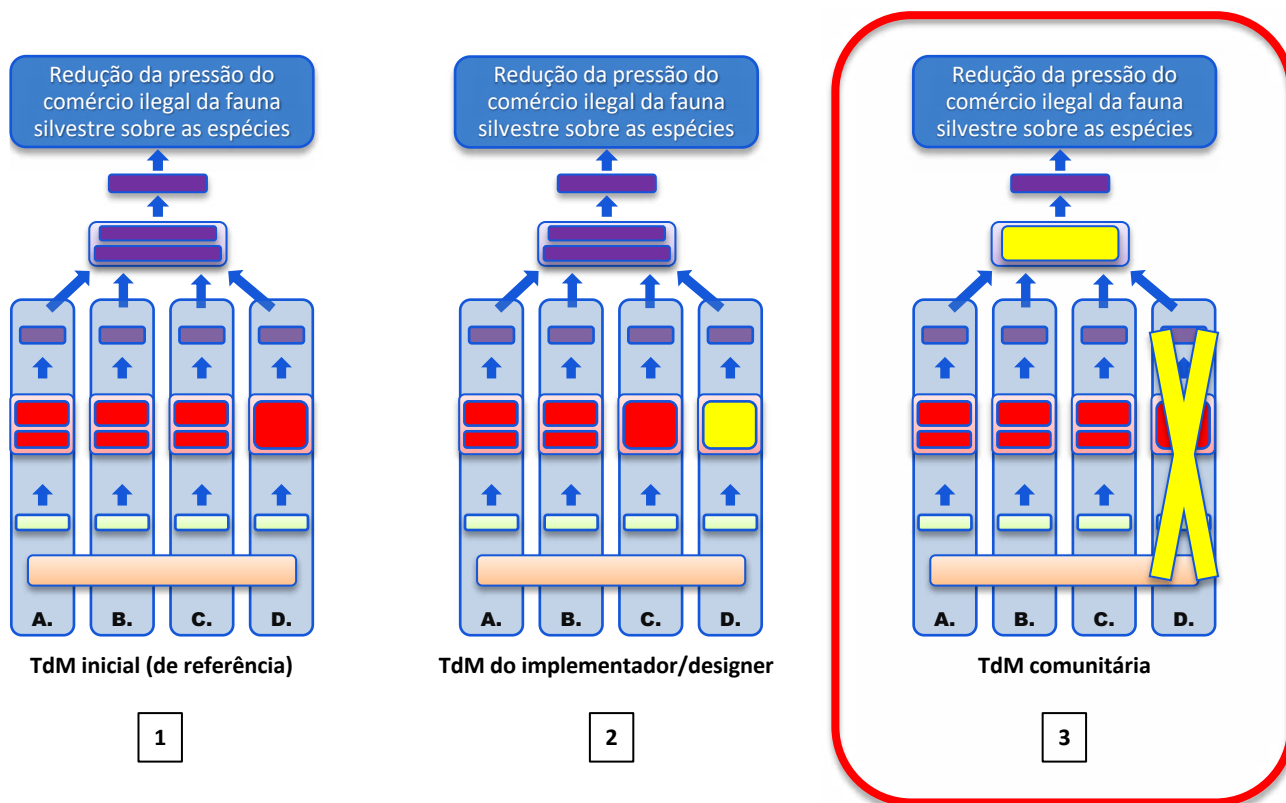
Ao final da Etapa 4, o resultado deve ser uma TdM comunitária.

Introdução

Esta etapa descreve o processo de construção de uma TdM comunitária, usando a TdM do implementador/designer como ponto de partida (como mostrado na Figura 7). É importante entender e articular os pressupostos e lógicas subjacentes que a comunidade está usando para tomar decisões em torno do CIFS e determinar o quanto elas estão alinhadas com a lógica do implementador/designer. Essa comparação é crucial e deve expor as principais contradições ou pressupostos críticos que possam prejudicar o sucesso do projeto.

Existem quatro etapas para construir uma TdM comunitária, conforme mostrado na página 12 e descrito nas seções abaixo.

Figura 7: Desenvolvendo uma TdM comunitária



Etapa 4: Desenvolver uma TdM comunitária

4.1 Atualizar a ferramenta de desenvolvimento da TdM comunitária

O objetivo da ferramenta de desenvolvimento da TdM comunitária é testar a TdM do implementador/designer em relação à lógica, pressupostos e crenças próprios da comunidade — em outras palavras, a TdM inerente da comunidade. Embora essa ferramenta básica possa ajudar com isso, primeiro é necessário atualizá-la de forma que ela reflita a TdM desenvolvida durante a Etapa 3. Ao abrir a planilha do Excel que contém a ferramenta de desenvolvimento da TdM comunitária, você verá várias abas. A primeira aba contém instruções detalhadas sobre como usar a ferramenta.

4.2 Testar os pressupostos do implementador/designer no interior da comunidade usando discussões em grupo focais

Quem deve estar nos grupos focais?

O número e a composição dos grupos focais da comunidade — por exemplo, mulheres, homens, mulheres jovens, homens jovens — serão definidos durante o workshop de iniciação. Recomendamos que o número máximo de participantes em cada grupo focal da comunidade seja 15, pois foi demonstrado que reuniões maiores do que isso são difíceis de serem facilitadas.

Deve-se garantir que cada grupo focal tenha uma representação adequada na comunidade definida e que alguns membros estejam disponíveis para participar da reunião envolvendo toda a comunidade e do workshop de feedback. É fundamental ter alguma consistência entre os participantes nesses três passos.

Qual é a duração do evento?

As experiências até aqui indicam que cada grupo focal leva cerca de seis horas, portanto, deve-se alocar um dia inteiro para cada grupo. O número de grupos focais consultados determinará a duração de seu trabalho de campo. A experiência mostra que é útil incluir um dia de pausa se houver mais de dois grupos consecutivos.

Quem mais precisa estar envolvido?

Serão necessários dois membros da equipe principal — um para facilitar e outro para registrar discussões e pontuações. Pelo menos um deles deve ser um facilitador experiente, que seja altamente adaptável e pontual. Também será necessário um intérprete do idioma local, pois é essencial conduzir os grupos focais no idioma local para garantir que todos os membros possam participar plenamente. O intérprete deve ser independente da comunidade e do implementador/designer. Ele ou ela deve estar familiarizado(a) com o material e ter passado algum tempo examinando as declarações e garantindo que elas possam ser traduzidas de maneira sensata para o idioma local. Um segundo intérprete, para trabalhar junto ao membro da equipe que registra as respostas, pode ser muito útil. Se não houver um segundo intérprete disponível, o intérprete principal terá que retraduzir constantemente as discussões a serem registradas, o que levará mais tempo.

Usando a ferramenta de desenvolvimento da TdM comunitária

As etapas a seguir devem ser aplicadas em cada grupo focal. Se houver tempo disponível, pode ser útil fazer um teste com a equipe de facilitação antes de passar para os grupos focais.

O contato local deve fazer as orientações sobre as formalidades de abertura apropriadas e apresentar a equipe ou organização que implementa a LFD para cada grupo focal. Você (ou o facilitador) deve convidar todos os participantes a se apresentarem.

Assim que as apresentações estiverem concluídas, forneça um breve resumo do projeto e do processo (usando os slides da “Apresentação introdutória à LFD – curta”). O intérprete deve ler o formulário de consentimento do grupo de discussão (ver Anexo 1) e garantir que todos os que participam estejam de acordo.

Cubra todos os itens da ferramenta, metodicamente. No início de cada percurso, use um gráfico para registrar uma lista de atividades relevantes relacionadas a esse percurso na comunidade. Por exemplo, com relação ao Percurso B — “aumentar os incentivos para a manutenção” — peça ao grupo para listar todos os benefícios tangíveis e não tangíveis que eles obtêm a partir da fauna silvestre, seja como comunidade ou individualmente. Isso pode incluir turismo, artesanato, orgulho e assim por diante.

A ferramenta consiste em várias declarações, agora com foco nos pressupostos do implementador/designer. Pergunte aos participantes do grupo focal o quanto eles concordam com cada afirmação, desde “discordo totalmente” (1) até “concordo totalmente” (5). Eles devem chegar a uma pontuação consensual para cada declaração.

Usando acessórios para negociar respostas

Objetos como animais de madeira ou contas podem ser muito úteis quando o grupo focal está negociando sua resposta. Por exemplo, você pode usar dois elefantes e dois leões, com elefantes representando uma resposta positiva e leões representando uma resposta negativa. Peça aos participantes que usem os elefantes e leões para negociar e apresentar suas respostas para cada pergunta.

Figura 8: Participantes da discussão do grupo focal usam miniaturas de elefantes e leões para negociar e concordar com a resposta do grupo às perguntas feitas durante as discussões.



Crédito da foto: IUCN
Local: Lalnok Resource Centre, Olkiramatian, Quênia.

Se os participantes estiverem confusos com o sistema de pontuação, uma regra geral é que a pontuação deve ser positiva (4 ou 5) se a resposta concorda com a lógica da TdM e negativa (1 ou 2) se a resposta vai contra a lógica da TdM. Em outras palavras, as pontuações são dadas a partir da declaração da TdM e não das perguntas individuais.

Provavelmente haverá uma discussão animada enquanto o grupo debate cada afirmação. Tome notas atenciosas sobre essas discussões, pois elas podem expor problemas subjacentes. Registre essa informação na Coluna J e declarações alternativas da TdM na Coluna K. Um exemplo de uma ferramenta de desenvolvimento da TdM comunitária preenchida para o Percurso B é mostrada na Figura 9.

Figura 9: Exemplo de uma ferramenta de desenvolvimento de TdM comunitária preenchida mostrando o Percurso B

CATEGORIA DA TDM	TDM DO IMPLEMENTADOR/DESIGNER DECLARAÇÃO DA TDM (TDM DO IMPLEMENTADOR/DESIGNER)	TDM DO IMPLEMENTADOR/DESIGNER PERGUNTA DA ENTREVISTA	←-NEGATIVO		Pontuação	POSITIVO→		RÓTULO
			Discordo totalmente	Discordo parcialmente		Concordo parcialmente	Concordo totalmente	
PERCURSO B	PERCURSO B. AUMENTAR INCENTIVOS PARA A MANUTENÇÃO	PERCURSO B. AUMENTAR INCENTIVOS PARA A MANUTENÇÃO						PERCURSO B
Pergunta introdutória		Liste todos os benefícios tangíveis e intangíveis que a comunidade (ou indivíduos) obtém da fauna silvestre						
Pressuposto: B-11	As comunidades têm o direito de se beneficiar do manejo do uso de plantas e animais silvestres	Sua comunidade tem direitos para se beneficiar do manejo e do uso de plantas e animais silvestres?	0	0	3	0	0	Comunidades têm direitos
Pressuposto: B-12	As comunidades exercem seus direitos de se beneficiar do manejo e do uso da fauna e flora silvestres	Sua comunidade exerce esses direitos?	0	0	3	0	0	Comunidades exercem direitos
Pressuposto: B-13	Os direitos da comunidade que estão em prática são suficientes para promover a manutenção da fauna silvestre	Esses direitos são suficientes para incentivar a proteção da fauna silvestre?	0	0	3	0	0	Os direitos são suficientes
Pressuposto: B-14	Existe investimento financeiro suficiente para gerar benefícios	Existem fundos disponíveis para se investir em empreendimentos a partir da fauna e flora silvestres (artesanato ou turismo, por exemplo)?	0	0	3	0	0	Investimentos para empreendimentos estão disponíveis
Pressuposto: B-15	Existem mercados sustentáveis para produtos e serviços derivados de plantas e animais silvestres	Existem mercados sustentáveis para produtos e serviços derivados de plantas e animais silvestres?	0	0	3	0	0	Mercados sustentáveis
Pressuposto: B-16	Os detentores formais de plantas e animais silvestres estão dispostos a compartilhar receitas com as comunidades	Os detentores formais de plantas e animais silvestres (por exemplo, a autoridade da área protegida) estão dispostos a compartilhar receitas com as comunidades?	0	0	3	0	0	Receita compartilhada pelos detentores formais
Pressuposto: B-17	As comunidades percebem um nível de benefício tangível advindo de plantas e animais silvestres	Você recebe algum tipo de benefício tangível oriundo de plantas e animais silvestres?	0	0	3	0	0	Benefício tangível percebido
Pressuposto: B-18	As comunidades percebem algum nível de benefício intangível advindo de plantas e animais silvestres	Você recebe algum tipo de benefício intangível oriundo de plantas e animais silvestres?	0	0	3	0	0	Benefício intangível percebido
Pressuposto: B-19	Existe suficiente compreensão da ligação entre a existência continuada de plantas e animais silvestres e do benefícios que eles geram	As pessoas da comunidade entendem que esses benefícios vêm da fauna silvestre que continua a existir em suas terras?	0	0	3	0	0	Ligação compreendida entre benefícios e fauna silvestre
Pressuposto: B-110	Os benefícios baseados na fauna silvestre não são distribuídos de forma desigual devido à captura de uma elite	Os benefícios baseados na fauna silvestre não são distribuídos de forma desigual devido à captura por aqueles com posições de poder?	0	0	3	0	0	Não há distribuição injusta
Pressuposto: B-111	A distribuição desigual de benefícios baseados na fauna silvestre não prejudica o apoio à manutenção da vida silvestre	A distribuição desigual dos benefícios baseados na fauna silvestre não prejudica o apoio à administração da fauna silvestre?	0	0	3	0	0	A distribuição desigual não prejudica o apoio
Pressuposto: B-112	A interferência de terceiros não prejudica os interesses da comunidade	Os agentes externos não prejudicam a voz e os interesses da comunidade?	0	0	3	0	0	Não há interferência de terceiros
Pressuposto: B-R-1	As comunidades que têm direitos de possuir, manejar e/ou se beneficiar de plantas e animais silvestres os valorizam mais	As comunidades que têm o direito de possuir, manejar e/ou se beneficiar de plantas e animais silvestres os valorizam mais?	0	0	3	0	0	Direitos = valor

Feedback e validação inicial

Um princípio muito importante da metodologia LFD é o feedback e a validação frequente e iterativa. Antes de passar para o exercício final do grupo focal da comunidade, reserve um tempo para repassar os resultados da ferramenta com o grupo.

Primeiro, projete a tela do responsável pelo registro para demonstrar brevemente como as pontuações foram registradas e que todas as discussões foram anotadas.

Figura 10: Participantes de discussão em grupo focal recebem feedback sobre os resultados das discussões realizadas com o grupo.



Crédito da foto: IUCN
Local: Lalenok Resource Centre, Olkiramatian, Quênia.

A ferramenta de desenvolvimento da TdM comunitária automaticamente cria gráficos para cada conjunto de pressupostos na aba “resultados” da planilha do Excel. Esses gráficos são diagramas de radar preenchidos com as pontuações de 1 a 5 para cada questão. A Figura 11 mostra um exemplo dos resultados de um grupo focal comunitário relacionados ao Percurso B. As áreas em azul sugerem que os pressupostos foram validados; as áreas em branco mostram onde os pressupostos não estão sendo atendidos.

Antes de conduzir o exercício final com o grupo focal da comunidade, recomendamos enfaticamente que você mostre cada gráfico para o grupo com o objetivo de demonstrar que ouviu as opiniões deles e para verificar se capturou as pontuações corretamente.

Figura 11: Gráfico mostrando os resultados do Percurso B de um grupo focal comunitário

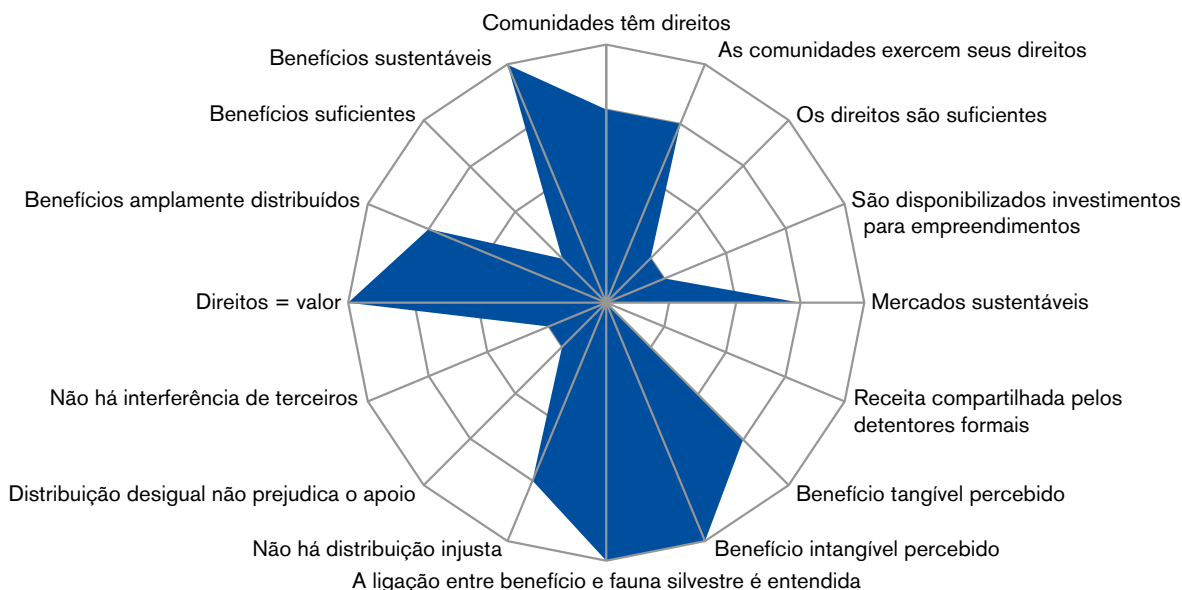


Figura 12: Participantes de discussão em grupo focal recebem feedback e validam as pontuações e os resultados de sua discussão sobre um dos percursos.



Crédito da foto: IUCN
Local: Lalenok Resource Centre, Olkiramatian, Quênia.

Ponderação do percurso

Ao final de cada grupo focal da comunidade, realize um exercício simples de ponderação do percurso. Para tal, dê ao grupo um conjunto de contas, pedras, sementes ou qualquer coisa pequena que possa ser facilmente manuseada e que não role para fora da mesa. O número de contas não deve ser divisível por quatro (ou pelo número de percursos em discussão). Experiências anteriores mostraram que 30 é um bom número.

O grupo deve chegar a um consenso sobre como distribuir as contas para responder à pergunta: “Para onde devemos guiar nossos esforços para reduzir a pressão do CIFS sobre as espécies?”. Peça a alguém, ou selecione uma ou duas pessoas, para entregar as informações à equipe de facilitação depois do exercício e, em seguida, deixe o grupo discutir e negociar a distribuição das contas pelos percursos em resposta à questão. A equipe de facilitação não deve fornecer informações, exceto para esclarecer e responder às perguntas. Assim que o grupo chegar a um consenso, peça ao(s) representante(s) selecionado(s) que faça(m) um resumo da discussão.

Figura 13: Exercício de ponderação de percurso sendo conduzido (esquerda) e o resultado final (direita).



Crédito da foto: IUCN
Local: Lalenok Resource Centre, Olkiramatian, Quênia.

Consolidando informações

Ao final de cada grupo focal da comunidade, a equipe de facilitação e o intérprete do idioma local devem se reunir e garantir que foram registradas todas as informações relevantes.

Reserve um dia inteiro depois que todos os grupos focais tiverem se encerrado para reunir as informações em preparação para a reunião com a comunidade inteira. Consolide as seguintes informações:

- Listas de atividades específicas do percurso para cada grupo focal,
- Quaisquer pressupostos em que as respostas são significativamente diferentes entre os grupos focais, e
- Ponderação dos percursos para cada grupo focal.

Prepare uma apresentação em PowerPoint contendo todas essas informações consolidadas, para ser usada na reunião com a comunidade inteira. Também prepare uma folha grande onde você pode representar todos os quatro percursos para um exercício de ponderação abrangente com toda comunidade.

4.3 Facilitar a reunião com a comunidade inteira

Quem deve comparecer?

Um máximo de 30 participantes deve comparecer à reunião da comunidade inteira. Qualquer reunião maior do que isso será difícil de ser facilitada. O contato local precisa trabalhar com a comunidade para explicar o processo, principalmente porque apenas um número limitado de pessoas pode participar do encontro. Deve também garantir que elas sejam selecionadas de forma transparente e representativa. Devem ser selecionados participantes dos grupos focais da comunidade, para garantir a continuidade, mantendo um equilíbrio entre os diferentes grupos. O implementador/designer pode participar dessa reunião como observador.

Quem mais deve estar envolvido e quanto tempo levará?

A mesma equipe que organizou os grupos focais da comunidade deve realizar a reunião da comunidade inteira. Será necessário um dia inteiro para a reunião com toda a comunidade.

Revisando os resultados

Use as informações consolidadas para fornecer feedback na reunião de toda a comunidade sobre os resultados do grupo focal, chamando atenção especialmente para as áreas em que havia grandes diferenças ou semelhanças entre os grupos.

Podem ser usadas diferentes técnicas de facilitação para ajudar a iniciar discussões em grupo em torno de áreas de grande diferença. Misture representantes dos grupos focais e peça-lhes que discutam porque acham que as diferenças observadas existem, divulgando-as a todo o grupo. É melhor analisar uma questão de cada vez. A facilitação da comunidade é uma tarefa complexa e não faz parte do escopo deste manual fornecer orientações detalhadas sobre facilitação. É importante garantir que um facilitador experiente integre a equipe. Vários documentos adicionais estão disponíveis com técnicas úteis de facilitação⁴.

Por fim, compartilhe os resultados dos exercícios de ponderação do percurso de cada grupo focal, apontando quaisquer diferenças importantes. Depois disso, usando mais contas ou contadores (novamente indivisíveis por quatro), peça ao grupo da reunião de toda a comunidade para negociar e concordar sobre como distribuir as contas para responder à pergunta “Para onde devemos guiar nossos esforços para reduzir a pressão do CIFS sobre as espécies?”

Figura 14: Etapas de uma reunião com a comunidade inteira: Apresentação de feedback geral para todo o grupo (canto superior esquerdo). Um membro da comunidade fornece feedback sobre alguns dos principais aprendizados que emergiram das discussões do grupo focal (canto superior direito). Um grupo de discussão debatendo alguns dos resultados (canto inferior esquerdo). O grupo inteiro participando de um exercício de ponderação de percurso (canto inferior direito).



Crédito da foto: IUCN
Local: Lalenok Resource Centre, Olkiramatian, Quênia.

⁴ Por exemplo, Pretty, J *et al.* (1995) Participatory learning and action: a trainer's guide. IIED. Veja: <http://pubs.iied.org/6021IIED/>. Seeds for Change (2010) Facilitation tools for meetings and workshops. Veja: <https://seedsforchange.org.uk/tools.pdf>

4.4 Construir a TdM comunitária

Nesta seção, apresentamos uma maneira de construir uma TdM comunitária. Gostaríamos de receber comentários de profissionais que usam uma abordagem diferente.

Reserve dois dias o mais breve possível após o trabalho de campo para construir a TdM comunitária. Use a TdM do implementador/designer como ponto de partida, da mesma forma que você usou a TdM inicial (de referência) para construir a TdM do implementador/designer. Faça as alterações necessárias nos percursos, resultados, impactos e pressupostos onde a comunidade não concordou com o implementador/designer.

Combine todas as pontuações e comentários dos grupos focais da comunidade em um único documento e destaque os pressupostos nos quais há uma diferença significativa de pontuação. Por exemplo, se três grupos focais da comunidade marcaram uma declaração como 5, 4, 5, você pode considerar isso como um acordo geral entre os grupos. Mas 5, 1, 5 mostraria uma diferença significativa entre os grupos.

Pegue a lista de pressupostos da TdM do implementador/designer e destaque os pressupostos nos quais houve diferença na pontuação entre os implementadores/designers e a comunidade. Usando a pontuação e as observações, verifique se os pressupostos e a lógica do percurso se mantiveram verdadeiros.

Com base no que foi mencionado acima, faça alterações no diagrama da TdM inicial para criar o diagrama da TdM comunitária. Lembre-se de alterar o tamanho/largura dos percursos com base no exercício de ponderação que você realizou na reunião de feedback da comunidade.

Entrevista com informantes-chave

As entrevistas com informantes-chave são um componente essencial da metodologia LFD, oferecendo uma oportunidade para testar, validar e triangular as informações coletadas durante as Etapas 3 e 4. As entrevistas com informantes-chave devem se concentrar nas suposições subjacentes à lógica de cada percurso.

Do que você precisa?

- Ao menos dois membros da equipe principal para cada entrevista,
- Um intérprete do idioma local (se necessário),
- Laptop, energia elétrica, e
- Duas a três horas por entrevista.

Quem deve ser entrevistado?

A análise das partes interessadas realizada durante a reunião/workshop de iniciação deve fornecer uma lista básica de alvos para entrevista. Estes são as pessoas que foram identificadas naquela reunião/workshop como indivíduos com conhecimento, influência e/ou autoridade com relação a algum dos quatro percursos da TdM.

Dependendo do tempo disponível para o trabalho de campo, talvez seja necessário priorizar as partes interessadas para a entrevista. Trabalhe com parceiros locais para entender qual percurso os informantes-chave provavelmente conhecem melhor, confirme as pessoas mais importantes e colete informações de contato. A lista provavelmente será bastante dinâmica; você pode acrescentar ou remover pessoas à medida que a equipe obtém uma compreensão maior do contexto.

Como realizar a entrevista

Use a ferramenta de desenvolvimento da TdM comunitária como base para a entrevista. Forneça ao entrevistado um breve resumo do projeto e da metodologia LFD.

Faça algumas perguntas iniciais sobre o papel do entrevistado, sua história ou tempo de permanência na área e seu relacionamento com a comunidade e/ou o implementador/designer. Também pode ser útil perguntar sobre suas perspectivas sobre níveis de caça furtiva, outros tráfegos ilícitos conhecidos, níveis de corrupção e assim por diante.

Passe para as perguntas detalhadas sobre o percurso, transformando as declarações da TdM em perguntas para a entrevista. Concentre-se nos percursos que refletem a área específica de conhecimento, influência ou autoridade do informante-chave. Por exemplo, se você estiver entrevistando alguém de uma instalação de turismo, foque no Percurso B (aumentando os incentivos para a gestão); se você estiver entrevistando alguém do departamento de aplicação da lei da autoridade relevante da área protegida, concentre-se no Percurso A (desestimular as atividades que contribuem para o CIFS). Muitos informantes-chave terão informações sobre outros percursos, por isso, se o tempo permitir, aborde outros percursos com eles.

Etapa 5: Workshop de feedback

Tabela 13: Recursos necessários para um workshop de feedback

Recurso	Requisitos mínimos
Funcionários	Dois membros da equipe principal, três, se possível Intérprete do idioma local
Materiais	Laptop, energia elétrica, projetor, materiais de facilitação
Tempo	Preparação: dois dias Workshop: dois dias Acompanhamento: um a dois dias

Os objetivos da Etapa 5 são:

- Validar a TdM comunitária, e
- Comparar as TdMs dos implementadores/designers e dos membros da comunidade, identificando áreas de divergência.

Ao final da Etapa 5, devem ser atingidos os seguintes resultados:

- Uma TdM comunitária validada, e
- Principais áreas de diferença e similaridade identificadas entre as TdMs do implementador/designer e da comunidade.

Introdução

É fundamental validar a TdM comunitária e fornecer os resultados do processo ao implementador/designer e à comunidade. Portanto, realizar um workshop de feedback é uma parte importante da metodologia LFD.

Quem deve participar?

Os principais participantes a serem incluídos no workshop são:

- Membros da equipe principal envolvidos na implementação da metodologia naquele local,
- Designers do projeto,
- Membros da comunidade, com representantes equitativos de cada grupo focal — para que haja consistência, estes devem ser as mesmas pessoas que participaram dos grupos focais e da reunião com toda a comunidade,
- Outras partes interessadas relevantes para outros componentes do projeto, como influenciadores de políticas, e
- Outras partes interessadas relevantes na área do projeto, como operadores de turismo ou proprietários..

Os principais objetivos de um workshop de feedback são:

- Resumir o processo até aquela data.
- Apresentar, validar e, se necessário, revisar a TdM do implementador/designer.
- Identificar e discutir as principais diferenças e semelhanças entre as TdMs do implementador/designer e da comunidade e entre os diferentes grupos focais da comunidade. Pode ser útil misturar os grupos de discussão: comece com discussões dentro de grupos focais individuais e depois misture os grupos para discutir diferenças e semelhanças. Cada grupo de discussão deve fornecer um breve resumo para todo o grupo reunido.
- Desenvolver recomendações compartilhadas para melhorar as intervenções no local e mudanças políticas nos âmbitos relevantes.

Etapa 6: Comunicar lições aprendidas

Dependendo do escopo de um projeto de LFD específico, as lições aprendidas provavelmente terão que ser comunicadas para uma variedade de públicos. Estas podem se referir à implementação da metodologia ou aos sucessos e desafios experimentados nas parcerias estabelecidas pela comunidade para combater o CIFS.

Objetivos e resultados

Os objetivos da Etapa 6 podem incluir:

- Consolidar informações,
- Influenciar a formulação de políticas nacionais, e/ou
- Contribuir para influenciar a política internacional.

No final da Etapa 6, um resultado importante poderia ser um recurso para a comunidade e os implementadores/designers à medida que eles avançam com as atividades no local. Podem ser incluídos: estudos de caso detalhados ou simplificados, resumos de políticas ou artigos em periódicos.

O comitê diretor da LFD está sempre interessado em ouvir sobre suas experiências na implementação da LFD e sobre todas as lições aprendidas sobre o papel das comunidades no combate ao CIFS. Encorajamos todos os usuários a enviar breves estudos de caso para Leo Niskanen em: leo.niskanen@iucn.org

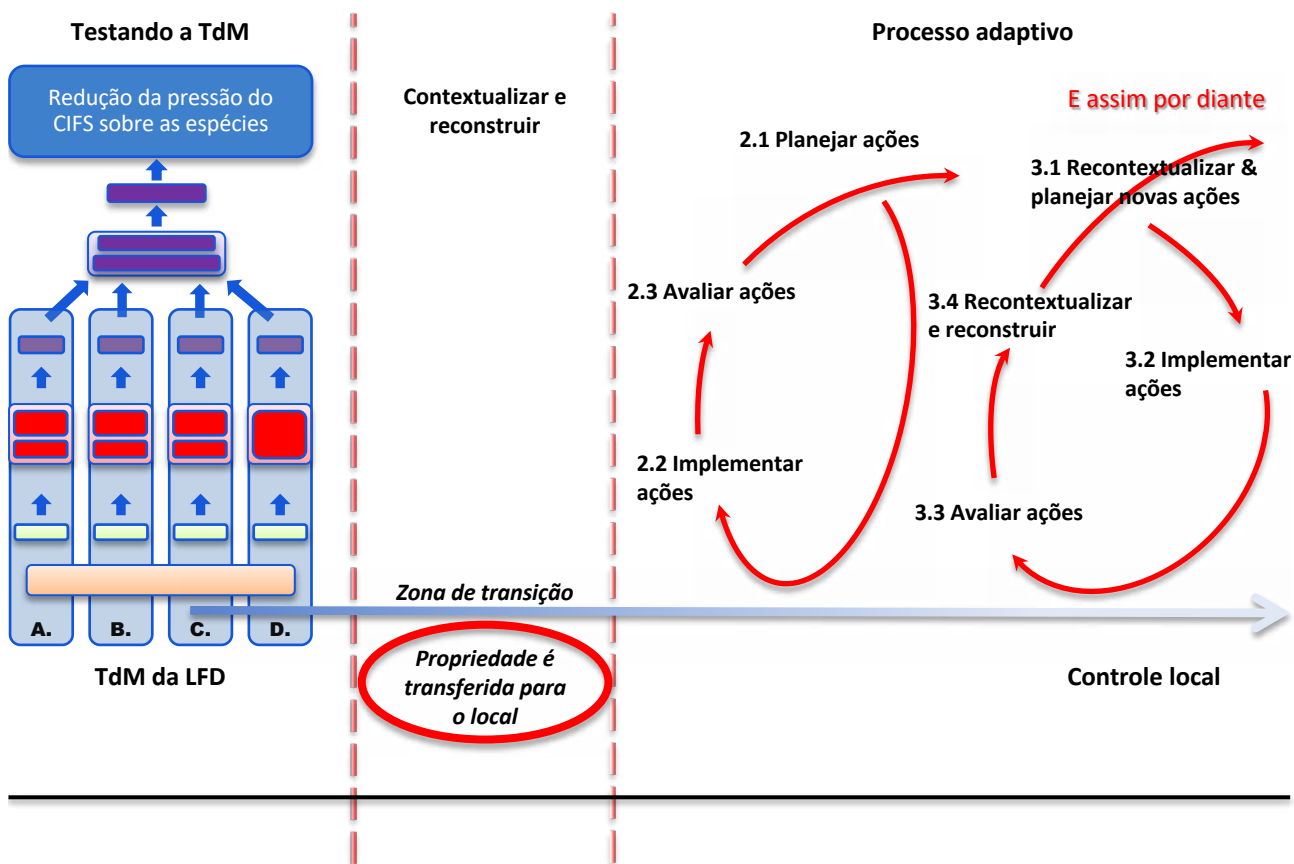
Etapa 7: Monitorar e adaptar

A implementação da metodologia LFD pode ajudar a melhorar e alinhar as intervenções com as crenças e perspectivas da comunidade.

Após o workshop de feedback, os implementadores do projeto devem ajustar as intervenções para que correspondam o máximo possível às TdMs comunitária e dos implementadores/designers. É importante monitorar essas mudanças e qualquer impacto na caça furtiva ou nos níveis de CIFS usando um ciclo de gerenciamento adaptativo (ver Figura 15). Um processo conjunto de aprendizagem interativa entre a comunidade e implementador/designer ajuda o projeto e outras possíveis intervenções a se adaptarem a mudanças de circunstâncias ao longo do tempo.

Em última análise, esperamos que a TdM final se torne um mecanismo que é de propriedade conjunta do implementador/designer e da comunidade, e que, como tal, contará com um grau maior de apoio e participação local.

Figura 15: Ciclo de gerenciamento adaptativo

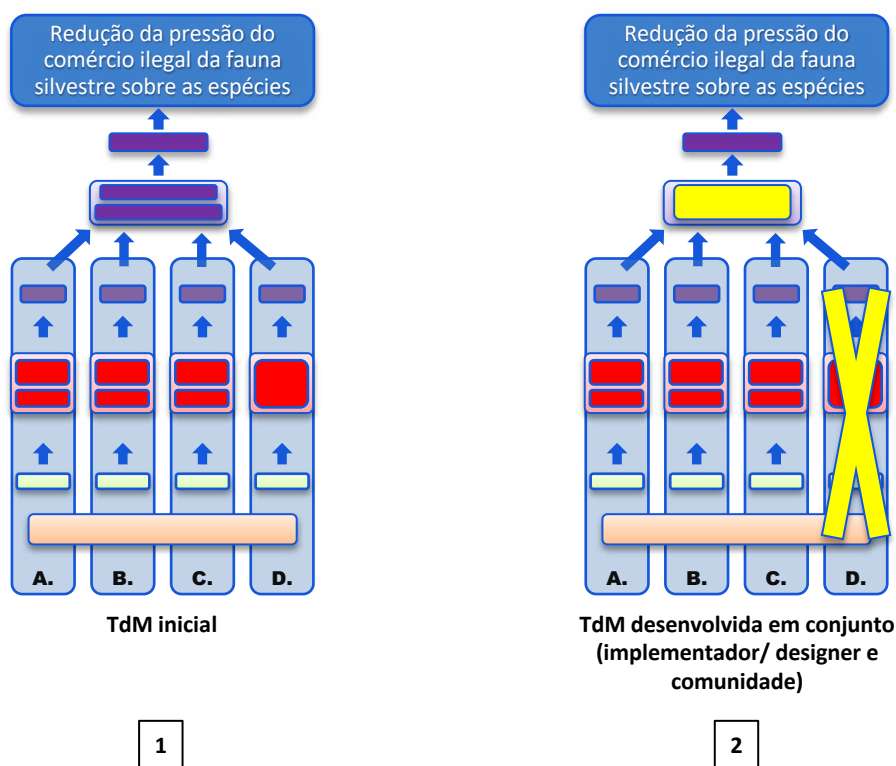


Fonte: Modificado a partir de Rowe (2016)

Seção D: Usando a LFD em novos projetos

Embora a orientação na Seção C descreva o processo de implementação da metodologia LFD em projetos existentes, acreditamos que é possível usar a mesma abordagem de pesquisa de ações para ajudar a desenvolver novos projetos. Nesse caso, usaríamos a TdM inicial (de referência) como ponto de partida para desenvolver em conjunto uma TdM compartilhada entre a comunidade-alvo e o implementador/designer (veja a Figura 16).

Figura 16: Desenvolvendo novas intervenções para o combate do CIFS usando a metodologia LFD



Muitos dos métodos descritos na Seção C seriam úteis para identificar comunidades e implementadores/designers e para determinar se é apropriado implementar a metodologia LFD em certos contextos.

Seria necessária uma análise mais completa da situação, tanto para compreender o contexto da caça furtiva quanto para identificar possíveis intervenções que poderiam funcionar — em outras palavras, qual dos quatro percursos da TdM inicial tende a ser mais importante/efetivo.

Dependendo do contexto, é possível passar diretamente para o desenvolvimento de uma TdM conjunta entre implementador/designer e a comunidade. Ou pode ser necessário trabalhar com cada um separadamente, reunindo-os com o objetivo mais explícito de conciliar as diferenças e construir em conjunto uma TdM como base para as intervenções do projeto.

Até o momento, não utilizamos a metodologia LFD para desenvolver novos projetos e gostaríamos de receber conselhos ou avaliações de qualquer um que a utilize para essa finalidade.

Referências

Biggs, D *et al.* (2017) Developing a theory of change for a community-based response to illegal wildlife trade. *Conservation Biology* 31 (1), 5-12.

Franks, P and Small, R (2016) *Social Assessment for Protected Areas (SAPA) Methodology Manual for SAPA Facilitators*. IIED, Londres.

IUCN SULi, IIED, CEED, Austrian Ministry of Environment and TRAFFIC (2015) Symposium Report, 'Beyond enforcement: communities, governance, incentives and sustainable use in combating wildlife crime', 26-28 de fevereiro de 2015, Glenburn Lodge, Muldersdrift, África do Sul. Veja: <http://pubs.iied.org/G03903>

Newing, H *et al.* (2011) *Conducting research in conservation: social science methods and practice*. Routledge, Londres.

Roe, D *et al.* (2016) *Engaging communities to combat illegal wildlife trade: a theory of change*. IIED Briefing, Londres. Veja: <http://pubs.iied.org/17348IIED>

Rowe, W (2016) *Applying action research processes to a community-based IWT initiative*.

Anexo 1: Ferramentas

Exemplos da programação de workshops da LFD

Estes exemplos de programação podem ser usados para estruturar as reuniões durante as etapas 1,2,4 e 5 da metodologia de LFD, conforme descrito na Seção C deste guia.

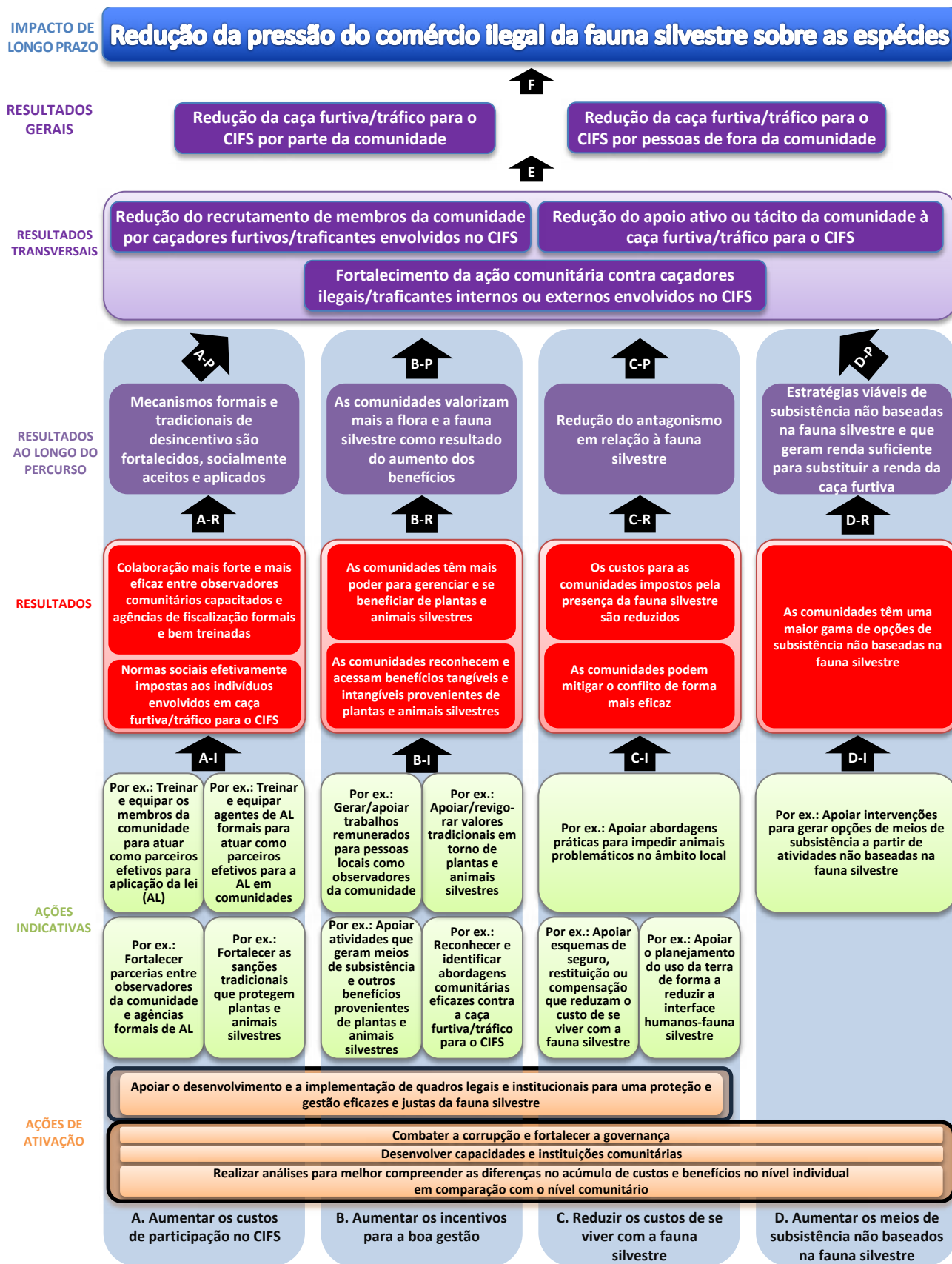
<p>Etapa 1: Preparação e escopo</p>
<p>Tempo necessário: um dia inteiro, dividido ao longo de dois dias. Por exemplo, você pode começar na tarde do primeiro dia e terminar no almoço do segundo dia. Pode ser útil ter um intervalo noturno para consolidar informações e decidir estratégias para a sessão seguinte.</p>
<p>Programação do dia 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O contato local apresenta a equipe da LFD aos representantes da comunidade reunidos; • Apresentações: representantes da comunidade e membros da equipe da LFD se apresentam; • Explicação da metodologia LFD e o propósito da missão de escopo; • Sessão interativa sobre espécies, partes e derivados comerciais; • Possível trabalho em grupos menores para obter mais detalhes. <p>Programação do dia 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consolidação e feedback para os representantes da comunidade; • Explicação dos quatro percursos; • Sessão interativa sobre os quatro percursos, com exemplos de intervenções; • Possível trabalho em grupos menores para obter mais detalhes; • Exercício leve de ponderação de percursos; • Encerramento da missão de escopo.
<p>Etapa 2: Workshop de iniciação</p>
<p>Tempo necessário: dois dias inteiros</p>
<p>Programação do dia 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas e apresentações breves; • Apresentação usando o modelo “Apresentação introdutória da LFD – longa”; • Apresentar a comunidade-alvo e seu atual contexto – podendo, por exemplo, coletar e usar informações sobre planos ou estratégias de manejo existentes, informações básicas sobre a demografia da população humana, espécies-alvo, níveis de caça furtiva, conflitos entre humanos e fauna silvestre, atividades de subsistência baseadas e não baseadas na fauna silvestre, acordos de compartilhamento de receitas entre o setor privado e a comunidade e pesquisas recentes; • Revisão dos parâmetros da TdM, percursos e pressupostos; • Trabalho em grupo sobre a TdM para aprofundar a familiaridade e a compreensão. <p>Programação do dia 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Revisão das etapas de metodologia, funcionários, duração, logística e recursos necessários; • Identificar os grupos focais da comunidade; • Identificar necessidades linguísticas e intérpretes; • Desenvolver a análise das partes interessadas para entrevistas com os principais informantes; • Definir cronogramas para as próximas etapas; • Encerramento.

<p>Etapa 3: Grupos focais da comunidade</p>
<p>Tempo necessário: um dia inteiro Por exemplo, comece por volta das 9h, faça uma pequena pausa às 13h e encerre às 15h, com o almoço oferecido.</p>
<p>Programação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O contato local apresenta a equipe de LFD; • Apresentações: participantes e membros da equipe de LFD se apresentam; • Apresentação usando o modelo “Apresentação introdutória do LFD – curta”; • Implementar a ferramenta de desenvolvimento TdM comunitária; • Feedback sobre os resultados da ferramenta de desenvolvimento TdM comunitária; • Exercício de ponderação de percursos; • Encerramento.
<p>Etapa 4: Reunião da comunidade inteira</p>
<p>Tempo necessário: um dia inteiro</p>
<p>Programação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentações: participantes e membros da equipe de LFD se apresentam; • Revisão dos exercícios realizados até o momento; • Visão geral dos resultados de cada grupo focal com a ferramenta de desenvolvimento TdM comunitária; • Discussão facilitada sobre diferenças e semelhanças; • Visão geral dos resultados de cada grupo focal (ponderação de percursos); • Exercício completo de ponderação de percursos dos grupos; • Encerramento.
<p>Etapa 5: Workshop de feedback</p>
<p>Tempo necessário: um ou dois dias Se precisar de apenas um dia, distribua o trabalho ao longo de dois dias, começando na tarde do Dia 1 e terminando na manhã seguinte para dar tempo para a consolidação do aprendizado e para serem feitos quaisquer ajustes na estratégia de facilitação. O intervalo noturno permite que os participantes discutam as lições adquiridas no processo.</p>
<p>Programação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentações; • Revisão do processo; • Visão geral dos resultados da TdM para o implementador/designer; • Visão geral dos resultados da TdM para a comunidade; • Discussão facilitada sobre semelhanças e diferenças em grupos focais mistos, em primeiro lugar, no âmbito da comunidade e depois entre a comunidade e o implementador/designer; • Processo facilitado para identificar possíveis soluções ou formas de reconciliar as duas teorias da mudança; • Encerramento.

Modelo de análise de partes interessadas da LFD

Informações das partes interessadas						Para cada parte interessada, marque se ela tem conhecimento (C), autoridade (A) ou influência (I) em cada categoria									
Nível	Observações	Nome do contato	E-mail/telefone	Local da entrevista	Histórico, contexto, dados	Aumentar o custo de participação no CIFS	Aumentar os incentivos para a gestão sustentável da fauna silvestre	Reduzir o custo de se viver com a fauna silvestre	Aumentar os meios de subsistência não baseados na fauna silvestre						
Nacional															
Regional															
Local															

TdM inicial (de referência) da LFD



Pressupostos da TdM inicial (de referência) da LFD

Os pressupostos listados abaixo estão associados a cada nível da TdM inicial da LFD, conforme descrito na Seção B deste guia.

Código	Pressuposto
Percurso A	
A-11	As comunidades locais estão dispostas a se envolver com agências formais de aplicação da lei em atividades antiCIFS (como observadores e informantes, por exemplo).
A-12	As agências formais de aplicação da lei estão dispostas a colaborar com as comunidades em atividades antiCIFS.
A-13	Os agentes formais que aplicam a lei não estão envolvidos ou vinculados ao CIFS.
A-14	Os membros da comunidade mais bem treinados e mais bem equipados não usam seus equipamentos e treinamento mais avançados para se engajar no CIFS.
A-15	Os membros da comunidade estão dispostos a atuar contra o CIFS dentro de suas comunidades.
A-16	Os membros da comunidade estão dispostos a atuar contra o CIFS fora de suas comunidades.
A-17	As sanções formais existentes são justas.
A-18	As sanções formais existentes são um impedimento.
A-19	São praticadas sanções sociais contra o CIFS.
A-110	Sanções sociais contra o CIFS podem ser recuperadas.
A-R1	Sanções formais e sanções sociais reforçam-se mutuamente.
A-R2	A colaboração entre comunidades e agências formais de fiscalização leva a uma ação mais forte contra o CIFS e não a uma maior convivência com o CIFS.
A-P1	Os membros da comunidade que estão mais envolvidos no combate ao CIFS impedem/desencorajam outros membros da comunidade a participar do CIFS.
A-P2	Intimidação por caçadores furtivos/traficantes não impede a ação da comunidade contra o CIFS.
Percurso B	
B-11	As comunidades têm o direito de se beneficiar do manejo e do uso de plantas e animais silvestres.
B-12	As comunidades exercem seus direitos de se beneficiar do manejo e do uso da fauna e flora silvestres.
B-13	Os direitos da comunidade que são estão em prática são suficientes para promover a manutenção da fauna silvestre.
B-14	Existe investimento financeiro suficiente para gerar benefícios.
B-15	Existem mercados sustentáveis para produtos e serviços derivados de plantas e animais silvestres.
B-16	Os detentores formais de plantas e animais silvestres estão dispostos a compartilhar receitas com as comunidades.
B-17	As comunidades percebem um nível de benefício tangível advindo de plantas e animais silvestres.
B-18	As comunidades percebem algum nível de benefício intangível advindo de plantas e animais silvestres.
B-19	Existe suficiente compreensão da ligação entre a existência continuada de plantas e animais silvestres e dos benefícios que eles geram.
B-110	Os benefícios baseados na fauna silvestre não são distribuídos de forma desigual devido à captura de uma elite.
B-111	A distribuição desigual de benefícios baseados na fauna silvestre não prejudica o apoio à manutenção da vida silvestre.
B-112	As comunidades têm o direito de se beneficiar do manejo e do uso de plantas e animais silvestres.
B-R1	As comunidades exercem seus direitos de se beneficiar do manejo e do uso da fauna e flora silvestres.
B-R2	Os direitos da comunidade que são estão em prática são suficientes para promover a manutenção da fauna silvestre.
B-P1	Existe investimento financeiro suficiente para gerar benefícios.
B-P2	Existem mercados sustentáveis para produtos e serviços derivados de plantas e animais silvestres.

Percurso C	
C-I1	Os custos totais de se viver com a fauna silvestre são conhecidos e podem ser quantificados.
C-I2	Recursos e ferramentas estão disponíveis para mitigar conflitos entre humanos e fauna silvestre (CHFS)
C-I3	Abordagens para mitigar o CHFS são eficazes.
C-I4	Políticas e estratégias oficiais são eficazes para reduzir o custo de se viver com a fauna silvestre.
C-R1	Comunidades com maior capacidade de mitigar o CHFS (com recursos, ferramentas, políticas) sofrem menos antagonismo em relação à fauna silvestre.
C-R2	Custos reduzidos de CHFS resultam em menor antagonismo contra a vida selvagem.
C-PK	Comunidades com menor antagonismo em relação à vida selvagem são menos incentivadas a apoiar direta ou indiretamente o CIFS.
Percurso D	
D-I1	Existe capacidade adequada para o engajamento em meios de subsistência não baseados na fauna silvestre.
D-I2	É disponibilizado um apoio adequado para se desenvolver e manter meios de subsistência não baseados na fauna silvestre.
D-I3	As pessoas que estão (ou poderiam estar) envolvidas no CIFS podem obter benefícios de meios de subsistência não baseados na fauna silvestre.
D-I4	Os benefícios não baseados na fauna silvestre não são distribuídos de forma desigual devido à captura de uma elite.
D-I5	A distribuição desigual de benefícios não baseados na fauna silvestre não prejudica o apoio à manutenção da fauna silvestre.
D-I6	Esquemas de subsistência não baseados na fauna silvestre não geram incentivos perversos – por exemplo, o dinheiro ganho não é reinvestido na caça furtiva ou em outros usos da terra que afetam negativamente a conservação.
D-R1	Os meios de subsistência não baseados na fauna silvestre têm mercados e cadeias de fornecimento sustentáveis.
D-P1	Os meios de subsistência não baseados na fauna silvestre geram renda suficiente para substituir ou anular o incentivo ao envolvimento no CIFS, em vez de atuar como uma renda suplementar ao CIFS.
D-P2	O apoio a esquemas de meios de subsistência não baseados na fauna silvestre está condicionado à redução do CIFS.
RESULTADOS	
E1	As ações comunitárias podem contribuir para reduzir o CIFS.
E2	O valor relativo dos produtos ilegais oriundos da fauna silvestre não é tão alto a ponto de a corrupção enfraquecer a ação da comunidade contra o CIFS.
E3	O risco relativo de ser detido, preso ou processado não é tão baixo a ponto de minar a ação da comunidade contra o CIFS.
F	A caça furtiva/tráfico foi reduzida a níveis sustentáveis.

Observe que, ao executar a metodologia LFD, quaisquer mudanças feitas nesses pressupostos da TdM inicial devem ser transpostas para a ferramenta de desenvolvimento da TdM do implementador/designer. Aconselhamos cautela antes de fazer alterações ou remover esses pressupostos, pois eles foram desenvolvidos a partir de uma ampla gama de contextos.

Ferramenta da LFD para desenvolvimento da TdM do implementador/designer

Apenas um trecho é mostrado abaixo; versão completa da ferramenta disponível para download em: www.iucn.org/flod

CATEGORIA DA TDM	PARÂMETROS DA TDM		← NEGATIVO		Pontuação	POSITIVO →	
	DECLARAÇÃO DA TDM (PARÂMETROS DA TDM)	PERGUNTA DA ENTREVISTA	Discordo totalmente	Discordo parcialmente		Concordo parcialmente	Concordo totalmente
IMPACTO E RESULTADOS	IMPACTO E RESULTADOS						
Impacto de longo prazo	Diminuição da pressão exercida pelo comércio ilegal da fauna silvestre sobre as espécies	Um dos principais objetivos do seu trabalho é diminuir a pressão exercida pelo comércio ilegal da fauna silvestre sobre as espécies?	0	0	3	0	0
PERCURSOS	PERCURSOS						
Percurso	A. Aumentar o custo de participação no CIFS	É importante aumentar o custo de participação no CIFS?	0	0	3	0	0
PERCURSO A	PERCURSO A: AUMENTAR O CUSTO DA PARTICIPAÇÃO NO CIFS						
Ações indicativas	Treinar e equipar os membros da comunidade para atuar como parceiros efetivos da aplicação da lei	Seu trabalho se concentra em treinar e equipar os membros da comunidade para atuar como parceiros efetivos para aplicação da lei?	0	0	3	0	0
PERCURSO B	PERCURSO B. AUMENTAR INCENTIVOS PARA A MANUTENÇÃO						
Ações indicativas	Gerar ou apoiar trabalhos pagos para pessoas locais (por exemplo, como observadores da comunidade)	Seu trabalho se concentra em apoiar empregos remunerados para pessoas locais (por exemplo, como observadores da comunidade)?	0	0	3	0	0
PERCURSO C	PERCURSO C. REDUZIR OS CUSTOS DE SE VIVER COM A FAUNA SILVESTRE						
Ações indicativas	Apoiar esquemas de seguro, compensação ou restituição que reduzam o custo de se viver com a fauna silvestre	Seu trabalho se concentra em apoiar esquemas de seguro, compensação ou restituição que reduzem o custo de se viver com a fauna silvestre?	0	0	3	0	0
PERCURSO D	PERCURSO D. AUMENTAR OS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA NÃO BASEADOS NA FAUNA SILVESTRE						
Ações indicativas	Apoiar intervenções para gerar opções de meios de subsistência a partir de atividades não baseadas na fauna silvestre	Seu trabalho se concentra no apoio a intervenções para gerar opções de meios de subsistência a partir de atividades não baseadas na fauna silvestre (por exemplo, pecuária, agricultura, indústria, microempresa)?	0	0	3	0	0
AÇÕES POSSÍVEIS	AÇÕES POSSÍVEIS						
Ações possíveis	Construir capacidade e instituições comunitárias	É necessário desenvolver capacidades e instituições comunitárias para reduzir o CIFS?	0	0	3	0	0

Ferramenta da LFD para desenvolvimento da TdM comunitária

Apenas um trecho é mostrado abaixo; versão completa da ferramenta disponível para download em: www.iucn.org/flod

CATEGORIA DA TDM	TDM DO IMPLEMENTADOR/DESIGNER		← NEGATIVO		Pontuação	POSITIVO →	
	DECLARAÇÃO DA TDM (TDM DO IMPLEMENTADOR/DESIGNER)	PERGUNTA DA ENTREVISTA	Discordo totalmente	Discordo parcialmente		Concordo parcialmente	Concordo totalmente
IMPACTO E RESULTADOS	IMPACTO E RESULTADOS						
Pressuposto: E1	As ações comunitárias podem contribuir para reduzir o CIFS	Sua comunidade tem capacidade para impedir a caça furtiva e/ou o tráfico?	0	0	3	0	0
PERCURSOS	PERCURSOS						
Percurso	A. Aumentar o custo de participação no CIFS	É importante aumentar o custo de participação no CIFS?	0	0	3	0	0
PERCURSO A	PERCURSO A: AUMENTAR O CUSTO DA PARTICIPAÇÃO NO CIFS						
Pressuposto: A-11	As comunidades locais estão dispostas a se envolver com agências formais de aplicação da lei em atividades antiCIFS (como observadores e informantes, por exemplo)	As comunidades locais estão dispostas a se envolver com agências formais de aplicação da lei como observadores e informantes?	0	0	3	0	0
PERCURSO B	PERCURSO B. AUMENTAR INCENTIVOS PARA A MANUTENÇÃO						
Pressuposto: B-11	As comunidades têm o direito de se beneficiar do manejo e do uso de plantas e animais silvestres	Sua comunidade tem direitos para se beneficiar do manejo e do uso de plantas e animais silvestres?	0	0	3	0	0
PERCURSO C	PERCURSO C. REDUZIR OS CUSTOS DE SE VIVER COM A FAUNA SILVESTRE						
Pressuposto: C-11	Os custos totais de se viver com a fauna silvestre são conhecidos e podem ser quantificados	Os custos totais de se viver com a fauna silvestre são conhecidos e podem ser quantificados?	0	0	3	0	0
PERCURSO D	PERCURSO D. AUMENTAR OS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA NÃO BASEADOS NA FAUNA SILVESTRE						
Pressuposto: D-11	Existe capacidade adequada para o engajamento em meios de subsistência não baseados na fauna silvestre	Existe capacidade adequada para se engajar em meios de subsistência não baseados na fauna silvestre?	0	0	3	0	0

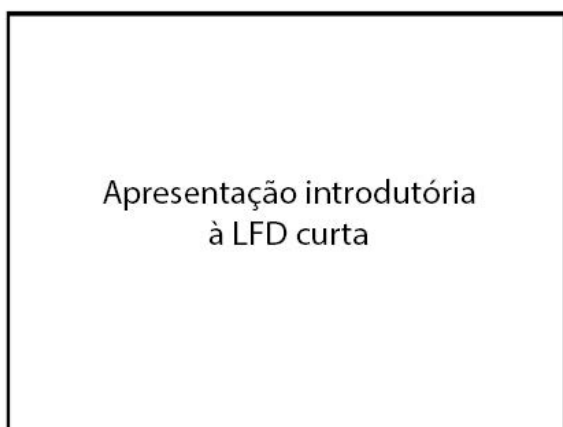
Modelos de apresentação

Preparamos dois modelos de apresentação introdutória que contém slides sugeridos, conforme mostrado abaixo. Essas apresentações podem ser baixadas diretamente do site: www.iucn.org/flod e os modelos podem ser ajustados e adaptados para o contexto específico de seu uso. Slides adicionais podem ser acrescentados a essas apresentações do arquivo de slides adicionais.

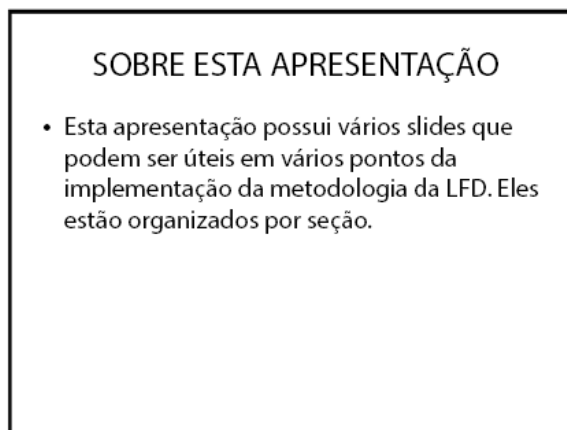
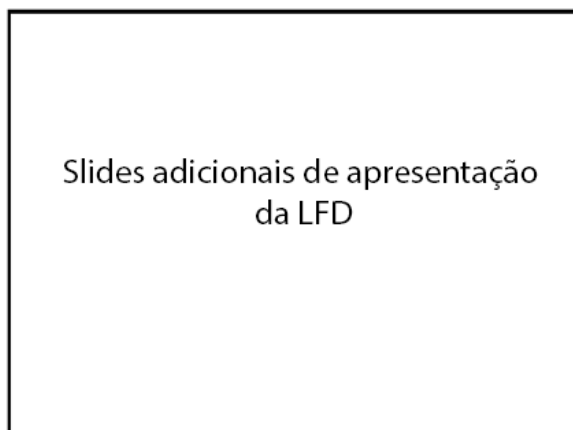
Apresentação introdutória à LFD – versão longa



Apresentação introdutória à LFD – versão curta



Slides adicionais da apresentação à LFD



Formulário de consentimento para entrevista

Este formulário e ficha de informações devem ser usados na Etapa 3 da metodologia LFD, conforme descrito na Seção C do “Guia para implementação da metodologia LFD”.

Consentimento informado do participante – [inserir nome do projeto]

Por favor, forneça seu consentimento para participar desta pesquisa, preenchendo as caixas nas tabelas abaixo, junto com seus dados pessoais.

Consentimento para a pesquisa	Sim	Não
Confirmo que tenho 16 anos ou mais.		
Confirmo que fui bem informado sobre o [nome do projeto], tive a oportunidade de fazer perguntas e as respostas foram satisfatórias.		
Concordo em participar de uma entrevista presencial/virtual e entendo que minha participação neste estudo é voluntária e que sou livre para desistir a qualquer momento, sem apresentar uma razão para tanto.		
Concordo que o áudio de minha entrevista seja gravado e depois transcrito.		
Entendo que quaisquer dados pessoais que possam ser usados para me identificar serão removidos da transcrição, portanto, apenas membros da equipe de pesquisa podem vincular a transcrição a mim.		
Consinto que os dados transcritos sejam usados para análise em grupo e que os resultados coletivos sejam publicados pela equipe de pesquisa em futuras publicações, relatórios ou apresentações.		
Concordo que citações não identificáveis extraídas de minha transcrição sejam usadas pela equipe de pesquisa em futuras publicações, relatórios ou apresentações.		
Concordo que citações identificáveis (contendo meu nome) sejam usadas pela equipe de pesquisa em futuras publicações, relatórios e apresentações.		
Entendo que meus dados pessoais – como meu nome, número de telefone e endereço de e-mail – não serão revelados a pessoas fora do projeto.		

Consentimento para fotografias	Sim	Não
Concordo que sejam tiradas fotografias de mim nas seguintes situações:		
Imagens individuais nas quais meu rosto é identificável.		
Imagens do grupo nas quais meu rosto é identificável.		
Imagens do grupo nas quais estou em segundo plano ou apenas parcialmente visível.		
Concordo com o uso dessas fotos pela equipe de pesquisa em futuras publicações, relatórios e apresentações.		

Ou, caso você NÃO consinta ser fotografado, marque esta caixa:

Eu NÃO consinto que seja tirada QUALQUER fotografia de minha pessoa, incluindo fotos em que estou em segundo plano ou em primeiro plano	
---	--

Dados pessoais (Por favor, escreva com LETRAS MAIÚSCULAS)

Nome: _____

Organização: _____

Email: _____

Assinatura: _____ Data: _____

Ficha de informações do participante para a entrevista – [inserir nome do projeto]

Você recebeu esta ficha de informações porque está sendo convidado a participar de uma pesquisa para um estudo. O pesquisador que vai entrevistá-lo explicará mais sobre o estudo e você terá a oportunidade de lhe fazer perguntas. Esta ficha de informações pode ser guardada para sua documentação.

Qual é o propósito deste estudo?

[inserir detalhes aqui]

Quem está conduzindo o estudo?

[inserir detalhes aqui]

O que terei que fazer para participar deste projeto?

[inserir detalhes aqui]

Eu tenho que participar?

Não, participar ou não do estudo depende totalmente de você. Se você concordar em participar, você está livre para mudar de ideia a qualquer momento sem precisar apresentar uma razão para isso.

O que vai acontecer com as informações que eu fornecer?

As informações pessoais fornecidas e tudo que você disser durante a discussão serão mantidos em sigilo. Uma transcrição da discussão será produzida por [inserir detalhes aqui].

Seu nome e informações de contato serão mantidos à parte da transcrição e quaisquer detalhes que possam ser usados para fins de identificação serão removidos da transcrição. Trechos de citações que possivelmente possam ser usados nos trabalhos escritos serão anônimos, a não ser que você concorde com o contrário.

Todos os dados eletrônicos serão armazenados em um computador protegido por senha. Todas as gravações digitais serão destruídas após a conclusão do projeto. Outros dados do estudo serão mantidos em local seguro.

O que acontecerá com os resultados do projeto?

Os resultados deste estudo serão usados em [inserir detalhes aqui].

Informações para contato

Se você tiver alguma dúvida sobre o projeto, entre em contato:

[Nome, e-mail, telefone, caso relevante].

Formulário de consentimento do grupo focal da LFD

Este formulário deve ser usado na Etapa 4 da metodologia LFD, conforme descrito na Seção C do “Guia para implementação da metodologia LFD”.

Consentimento informado do participante – [inserir nome do projeto]

Por favor, forneça seu consentimento para participar desta pesquisa, preenchendo as caixas nas tabelas abaixo, juntamente com seus dados pessoais.

Consentimento para a pesquisa	Sim	Não
Confirmando que tenho 16 anos ou mais.		
Confirmando que fui bem informado sobre [nome do projeto], tive a oportunidade de fazer perguntas e as respostas foram satisfatórias.		
Concordo em participar de uma discussão em grupo focal e entendo que minha participação neste estudo é voluntária e que sou livre para desistir a qualquer momento, sem apresentar uma razão para tanto.		
Concordo que sejam feitas anotações pela equipe de pesquisa/pesquisador durante a discussão do grupo focal.		
Entendo que nenhum dado pessoal que me identifique será registrado nas anotações feitas na discussão do grupo focal.		
Concordo que a informação coletada durante o grupo focal seja usada para análise e que as descobertas sejam publicadas pela equipe de pesquisa em futuras publicações, relatórios ou apresentações.		
Concordo que citações anônimas do grupo focal sejam usadas pela equipe de pesquisa em futuras publicações, relatórios e apresentações.		
Entendo que meus dados pessoais – como meu nome, número de telefone e endereço de e-mail – não serão revelados a pessoas fora do projeto.		
I understand that my personal details — such as my name, phone number and email address — will not be revealed to people outside the project.		

Consentimento para fotografias	Sim	Não
Concordo que sejam tiradas fotografias de mim nas seguintes situações:		
Imagens individuais nas quais meu rosto é identificável.		
Imagens do grupo nas quais meu rosto é identificável.		
Imagens do grupo nas quais estou em segundo plano ou apenas parcialmente visível.		
Concordo com o uso dessas fotos pela equipe de pesquisa em futuras publicações, relatórios e apresentações.		

Ou, caso você NÃO consinta com as permissões para fotografias, marque esta caixa:

Eu NÃO consinto que seja tirada de mim QUALQUER fotografia, incluindo fotos em que estou em segundo plano ou em primeiro plano.	
---	--

Dados pessoais (Por favor, escreva com LETRAS MAIÚSCULAS)

Nome: _____

Organização: _____

Email: _____

Assinatura: _____ Data: _____

Este manual fornece orientações detalhadas para a implementação da metodologia “Comunidades Locais: Linha de Frente de Defesa contra o comércio ilegal da fauna silvestre (LFD)” com o objetivo de articular, contrastar e comparar os pressupostos, as percepções e os fluxos lógicos das comunidades e dos implementadores/designers que estão envolvidos em projetos para combater o comércio ilegal da fauna silvestre (CIFS).

A metodologia LFD é uma abordagem de pesquisa de ações com várias partes envolvidas que deve ser usada por uma equipe independente que trabalha com as comunidades, as partes interessadas locais e os designers ou implementadores de projetos (sejam eles ONGs, governos, organizações comunitárias ou doadores). Ela oferece uma abordagem adaptativa para ajudar a desenvolver o engajamento comunitário em iniciativas antiCIFS por meio de um questionamento aprofundado da lógica dos designers, implementadores e comunidades, bem como de suas motivações e pressupostos. A metodologia tem como objetivo fornecer informações sobre como alinhar as intervenções e fortalecer a participação comunitária.



International Institute for Environment and Development
80-86 Gray's Inn Road, Londres WC1X 8NH, UK

www.iied.org

@iied

www.facebook.com/theIIED

Baixe mais publicações aqui: <http://pubs.iied.org>

Impresso em papel reciclado com tinta vegetal.



Knowledge
Products

Kit de ferramentas

Março de 2018

Biodiversidade

Palavras-chave:

Comércio ilegal de vida selvagem, preservação comunitária, crime contra a vida selvagem



U.S. DEPARTMENT
OF THE INTERIOR
INTERNATIONAL TECHNICAL
ASSISTANCE PROGRAM

Esta publicação foi financiada pelo governo britânico por meio do fundo contra o comércio ilegal de vida selvagem (Illegal Wildlife Trade Challenge Fund) e pela Agência Internacional para o Desenvolvimento dos Estados Unidos, em parceria com o Departamento do Interior, por meio do Programa de Assistência Técnica Internacional. Os pontos de vista expressos nesta publicação não necessariamente refletem os pontos de vista do governo britânico, da Agência Internacional para o Desenvolvimento dos Estados Unidos ou do governo americano.